

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO**

Andrei Wahlbrink

**SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ALUNOS
MORADORES DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO-CEU II,
DE SANTA MARIA, RS**

**Santa Maria, RS
2018**

Andrei Wahlbrink

**SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ALUNOS MORADORES
DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO-CEU II, DE SANTA MARIA, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências Sociais
Bacharelado da Universidade Federal de Santa
Maria, como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Orientador: Prof.º Dr.º. Everton Lazzaretti Picolotto

Santa Maria, RS
2018

WAHLBRINK, Andrei

Socialização e desempenho acadêmico dos alunos moradores da casa do estudante universitário-CEU II da UFSM, de Santa Maria, RS /

Andrei Wahlbrink. 2018

89 p.: 21 X 29,7 cm

Orientador: Everton Lazzaretti Picolotto

Trabalho de graduação – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais Bacharelado, RS, 2018.

1. Socialização Universitária 2. Desempenho Acadêmico 3. Formas de Produções 4. Interpretatividade objetiva 5. Interpretatividade Relativa.

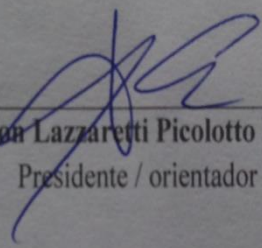
I. Picolotto, Everton Lazzaretti II. Título

Andrei Wahlbrink

**SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ALUNOS MORADORES
DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO-CEU II, DE SANTA MARIA, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências Sociais
Bacharelado da Universidade Federal de Santa
Maria, como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Aprovado em 28 de março de 2018:



Evertan Lazzaretti Picolotto Dr^o (UFSM)
Presidente / orientador

Laura Senna Ferreira Dr^a (UFSM)

Maria Cleise Sandalowski Dr^a (UFSM)

Santa Maria, RS
2018

AGRADECIMENTOS

Este trabalho me custou um período de muita ansiedade e dificuldades de operações práticas, só foi possível enfrentar tais dificuldades pelo apoio de um número de pessoas que devo meus agradecimentos. Não sei até que ponto mais pessoas que consigo lembrar possam ter contribuído de alguma forma. É bem verdade que na maioria das vezes tenha me sentido sozinho. Entre aqueles que recordo que contribuíram com meu processo de formação, gostaria de agradecer e mencioná-los aqui, são estes:

- Primeiro a Deus acima de tudo que ainda não sabemos se é volátil enquanto partículas de energia que se molda em torno de nossas perspectivas, ou se é uma energia consciente onipresente que nos socorre sempre que precisamos estando nós conscientes de sua ação ou não.

- Em seguida ao meu orientador professor Dr. Everton Picolotto pela paciência, pois o que sempre precisei na minha vida foi de tempo. Costumo levar duas a três vezes mais tempo para executar uma tarefa mais especializada e minuciosa que as pessoas tidas como bem-sucedidas.

- Agradeço a professora Dr. Jurema Gorski Brites por ter me dado uma direção inicial, por ter me dados bases iniciais de um começo que nunca iniciava, enquanto estava preso num loop infinito de revisões teóricas. Agradeço ao professor Dr. Reginaldo Teixeira Perez por ter me dado crédito através de uma aprovação em projeto de pesquisa e com isso ter me permitido ir adiante me libertando de “um mato sem coelho”.

-Agradeço ao ANIMA e ao SATIE que são fundamentais para apoio aos estudantes, embora muitos estudantes não recorram a eles. E destes departamentos, agradeço aos psicólogos Renato Favarin dos Santos, Jason Wolther e Caroline Matos Romio, ao servidor da PRAE Eduardo Schwanck Saraiva, e em especial Andréia Maria Zanoello, assistente social.

- Agradeço aos meus familiares, pelo apoio e ajuda financeira, cada vez mais dificultosa em função dos governos ruins, principalmente o de Michel Temer. Agradeço ao meu pai Atilário Wahlbrink e seu funcionário Alex Brandão por depósitos semanais feito com muito custo e dificuldades de pequenos comerciantes. A minha mãe Lúcia Lima Wahlbrink pelo telefone, que me tirou do tédio quando o meu computador estava estragado. Agradeço também a meu irmão Marcos Adriano Wahlbrink e a Bruna Bergman e ao meu tio José Alcindo Correia Lima.

- Agradeço ao amigo Tiago Azambuja. Um agradecimento do coração ao Pedro César Spode, Iago Turba, Eduardo Braun e Mauricio Rizatti por toda parceria, coleguismo e amizade.

*O mesmo céu, mesma cor
Quanto tempo passou?
Não há mais o que provar
Recomeçar em outro lugar
Que relevância pode existir
Em lamentar agora o que não fez?
Se arrepender por cometer
Os mesmos erros outra vez,
Sem algo em que acreditar
Não posso mais ficar aqui
Quem vai poder reconhecer
Certezas que viraram pó?
Abandonar o que conquistou
Escolhas que não tem retorno
Inventar outra verdade
E buscar o que nunca imaginou
Dead Fish - Exílio, 2006*

RESUMO

SOCIALIZAÇÃO E DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ALUNOS MORADORES DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO-CEU II, DE SANTA MARIA, RS

AUTOR: Andrei Wahlbrink

ORIENTADOR: Everton Lazzaretti Picolotto

O trabalho teve por objetivo investigar a socialização e o desempenho acadêmico dos estudantes moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU II) da Universidade Federal de Santa Maria, RS, entre 2016 e 2017. Para isso foi aplicado um questionário a uma amostra de 54 entrevistados, que contemplou questões objetivas e abertas. O desempenho acadêmico é produzido por um *habitus* de aprendizado contínuo, ou seja, quando um aluno progride no ensino superior em cursos que já possui certos conhecimentos relacionados a atividades de ensino anteriores, seja em nível médio, técnico, profissional ou graduação. E é por sua vez um *habitus* herdado por experiências legitimadas por membros comunitários além da Universidade. Estes membros comunitários são na maior parte das vezes oriundos de cidades circundantes de Santa Maria. A hipótese da pesquisa se pautava por acreditar que uma maior socialização universitária, ou seja, diversas atividades sociais de jovens universitários os ajudariam a se integrarem ao espaço correspondendo a expectativa de suas próprias formações. Os resultados indicaram que, muitas vezes, as inserções nos espaços são frutos de uma socialização anterior a Universidade e dependem destas para se efetuar. Segundo a avaliação dos estudantes entrevistados, nem sempre a “produtividade acadêmica” (pesquisa, artigo, publicações) significava bom desempenho. Em alguns cursos, os alunos se pautam pela profissionalização, não estando diretamente relacionados à pesquisa. Os alunos que se realizam mais podem ser aqueles que suas inclinações próprias estão em conformidade com os meios escolhidos e as expectativas de sua origem social.

Palavras chaves: Socialização Universitária; Desempenho Acadêmico; Formas de Produções; Interpretatividade Objetiva; Interpretatividade Relativa.

ABSTRACT

SOCIALIZATION AND ACADEMIC PERFORMANCE OF STUDENTS RESIDENTS OF “CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO – CEU II”, OF SANTA MARIA, RS

AUTHOR: Andrei Wahlbrink
ADVISOR: Everton Lazzaretti Picolotto

The work was aimed at investigate the socialization and the academic performance of students, residents of “Casa do Estudante Universitário” (CEU 2) of the Federal University of Santa Maria, RS, between 2016 and 2017. For this, was applied a quiz to a sample of 54 interviewed, that contemplated open and objectives questions. The academic performance is produced by an *habitus* of continuous learning, that is, when a student progresses in the higher education in courses that already possesses certain knowledge related at previous teaching activities, be it in medium level, technical, professional or graduation. And is in its turn an inherited *habitus* by legitimated experiences by community members beyond the university. This community members, are in most cases originating by cities closer to Santa Maria. The research hypothesis it was planned for believe that a bigger university socialization, there is, various social activities of young university students would help them to integrate at the space corresponding the expectative of their own formations. The results indicated that, many times, the inserts in spaces are fruits of a previous socialization at university and depends of this to take place. According to the interviewed evaluation, not always the “academic productivity” (research, article, publications) meant good performance. In some courses, the students it is ruled by professionalization, not being directly related at the research. The students that are performed more can be those that own inclinations are in conformity with the chosen media and expectations of their social origin.

Keywords: University Socialization; Academic Performance; Forms of Production; Objective Interpretability; Relative Interpretability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa conceitual: relação conceitual sociológica utilizada	21
Figura 2: Fotos de condomínios de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais construídos na área urbana do Bairro Ouro Preto em Belo Horizonte, Minas Gerais	30
Figura 3: Foto da casa do estudante da Universidade Federal de Santa Catarina	31
Figura 4: Fotos da Casa do Estudante Universitário CEU II	31
Figura 5: Casa de estudantes universitários com formatos e arquiteturas, semelhantes a CEU II/ UFMS (mosaico)	32
Figura 6: Mapa sobre a disposição espacial orientada pela AV. Roraima	34
Figura 7: Mosaico referente a construção dos quiosques com churrasqueiras	35
Figura 8: Foto do início da ocupação da quadra de vôlei	36
Figura 9: Fotos que ilustram algumas mudanças na paisagem (mosaico)	36
Figura 10: Foto de um exemplo de apartamento de um quarto para dois moradores	37
Figura 11: Mapa que ilustra os municípios que circundam Santa Maria	38
Figura 12: A possibilidade de acesso a veículos (duas fotos)	39
Figura 13: Esquema lógico explicativo com base nos conceitos desenvolvidos	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: O PIB de Santa Maria.....	22
Gráfico 2: Disposição de graduandos da UFSM por Centros no 1º semestre de 2016.....	23
Gráfico 3: Disposição dos alunos da CEU II por Centros em 2016.....	24
Gráfico 4: Alunos pesquisados conforme seus cursos.....	49
Gráfico 5: O ano de ingresso que os entrevistados citaram.....	50
Gráfico 6: Proporção de alunos que passaram por alojamento provisório.....	53
Gráfico 7: Região de origem dos moradores entrevistados.....	54
Gráfico 8: Forma de inserção na casa do estudante CEU II.....	59
Gráfico 9: Gênero declarado do pesquisado.....	60
Gráfico 10: Idade declarado pelos entrevistados.....	62
Gráfico 11: Idade principal com que os pesquisados tendem a ingressar na CEU II.....	62
Gráfico 12: Participações dos alunos entrevistados em eventos.....	65
Gráfico 13: Entrevistados sem publicações conforme seus cursos.....	66
Gráfico 14: Entrevistados que produziram um trabalho conforme seus cursos.....	67
Gráfico 15: Entrevistados com sete ou mais produções conforme seus cursos.....	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O grau de interação social dos entrevistados residindo no União <i>versus</i> o grau de interação e socialização que possuíam no momento da entrevista.....	52
Quadro 2 – Profissão dos responsáveis pela criação (figura paterna)	56
Quadro 3 - Profissão dos pais ou dos responsáveis pela criação (figura materna)	57
Quadro 4 - Alunos que estiveram morando no alojamento provisório do União e duas das principais formas de inserção na CEU II.....	60
Quadro 5 - Gênero que o entrevistado se identifica e como ele conseguiu sua vaga na CEU	61
Quadro 6 - Tempo de graduação e o número de produções acadêmicas.....	64
Quadro 7 - Classificação da primeira forma de produção (PP)	68
Quadro 8 - Terceira forma de produção (PT)	69
Quadro 9 - Forma de produção mista.....	70
Quadro 10 - Curso por classificação segundo a objetividade e praticidade.....	71
Quadro 11 - Tipo de curso por gênero.....	73
Quadro 12 - Tipo de curso por número de trabalhos publicados.....	74
Quadro 13 - Desempenho acadêmico por número de trabalhos publicados.....	74
Quadro 14 - Bolsas citadas versus publicações.....	75
Quadro 15 - Programas institucionais versus publicações.....	76
Quadro 16 – Formas de inserção nas bolsas.....	77
Quadro 17 - Grupo 1 e 2 de um estudo de caso complementar	79
Quadro 18 - Participação de ACG e DCG em cursos diferentes do entrevistado versus pesquisa com publicação; Tempo de produção: Tabela Cruzada	84

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ACG	Atividades Complementares de Graduação
BSE	Benefício Socioeconômico
CAL	Centro de Artes e Letras
CE	Centro de Educação
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
CCNE	Centro de Ciências Naturais e Exatas
CCR	Centro de Ciências Rurais
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CCSH	Centro de Ciências Sociais e Humanas
CPD	Centro de Processamento de Dados
CT	Centro de Tecnologia
CTISM	Colégio Técnico Industrial de Santa Maria
CEU I	Casa do Estudante Universitário I
CEU II	Casa do Estudante Universitário II
CEU III	Casa do Estudante Universitário III
DCG	Disciplinas Complementares de Graduação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IO	Interpretatividade Objetiva
IR	Interpretatividade Relativa
PP	Produção Primária ou Primeira Forma de Produção de Conhecimento
PS	Produção Secundária ou Segunda Forma de Produção de Conhecimento
PT	Produção Terciária ou Terceira Forma de Produção de Conhecimento
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
RU	Restaurante Universitário
SM	Santa Maria
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 O OBJETO DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA.....	13
1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE.....	14
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E AS TEORIAS QUE FUNDAMENTARAM O ESTUDO.....	15
3. SITUANDO A CIDADE DE SANTA MARIA E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.....	21
4. PROCEDIMENTO TÉCNICO E METODOLOGIA.....	24
5. A CASA DO ESTUDANTE CEU II: PAISAGEM, ESTÉTICA E SOCIALIZAÇÃO.....	26
6. A SOCIALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	42
7. A SOCIALIZAÇÃO NO ESPAÇO PRODUTIVO PELO TEMPO UTILIZADO.....	45
8. DADOS GERAIS DOS ENTREVISTADOS.....	49
9. DADOS RELACIONADOS A HIPÓTESE.....	63
10. REFLEXÕES POSTERIORES AS ANÁLISES DOS DADOS.....	82
CONCLUSÃO.....	85

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar a socialização e o desempenho acadêmico dos alunos moradores da Casa do Estudante Universitário (CEU II) da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa foi realizada entre 2016 e 2017, mas fez estudos sobre alunos que ingressaram a partir de 2009, sendo a maior parte composta de alunos que ingressaram entre 2013 e 2014.

Para este estudo foi necessário tentar entender o que os alunos moradores da CEU II acreditavam ser desempenho acadêmico. Foi desenvolvido um questionário e aplicado a uma amostra de 54 entrevistados. O questionário tinha questões objetivas e abertas. Se verificou através das questões com ajuda da técnica da observação participante que as concepções de desempenho acadêmico são variáveis, de curso a curso, de inclinações individuais que determinam as ações dos alunos durante a suas graduações e são frutos de mentalidades que conhecem e percebem o mundo segundo suas classes sociais e regiões de origem. O desempenho acadêmico é produzido por um *habitus* escolar contínuo, ou seja, quando um aluno progride no ensino superior em cursos que já possui certos conhecimentos relacionados a atividades de ensino anteriores, seja em nível médio, técnico, profissional ou mesmo graduação. E é por sua vez um *habitus* herdado por experiências legitimadas em sentidos por membros comunitários além da Universidade. Estes membros comunitários são na maior parte das vezes oriundos de cidades circundantes de Santa Maria e são constituídos, em sua grande maioria, por classes sociais ligada ao trabalho rural, mas se relacionam historicamente com residentes nativos de Santa Maria pertencentes a outras classes. Quando perguntado aos alunos o que eles acreditavam ser desempenho acadêmico as respostas variaram de acordo com suas ideias, valores e inclinações individuais, mas nem sempre de acordo com os meios ofertados por seus cursos. E os alunos que possuem uma socialização oriunda de regiões próximas a Santa Maria, além daqueles que tem afinidades com os mesmos, possuem maior mobilidade no espaço pela inserção em programas institucionais, além de inserirem em espaços universitários dedicados ao lazer dentro e fora da Universidade. Estes alunos formam redes que servem de amparo para circulação de informações que os ajudam a se integrarem à Instituição e estarem mais adaptados as atividades acadêmicas.

Os alunos moradores da CEU II por sua vez interagem com alunos de seus cursos que são na maioria das vezes residentes nativos de Santa Maria e com eles formam um jogo complexo de relações que busca realizar conteúdos próprios de cada aluno ingressado em

diferentes espaços, disciplinas e atividades. Mas o formato e as condições ofertadas por estes espaços, disciplinas e atividades comportam então contradições por nelas inserirem finalidades diferentes dos motivos iniciais que os alunos interessados buscavam ali realizarem e nem sempre as finalidades diferentes entram em harmonia com os meios dispostos.

A hipótese da pesquisa se pautava por acreditar que uma socialização universitária, ou seja, uma maior mobilidade no espaço universitário em diferentes locais de estudo, pesquisa e entretenimento pelo tempo de socialização na produção de conhecimento, consequentemente, nas atividades sociais de jovens universitários os ajudariam a se integrarem ao espaço correspondendo a expectativa de suas próprias formações. Mas os resultados foram controversos, pois as inserções nos espaços não são frutos de uma simples vontade e ações coordenadas. São frutos de uma socialização anterior a Universidade, de rede de relações que se prolongam das comunidades de origem dos estudantes e depende destas para se concretizar. O estudo também encontrou como base de entendimento que há duas motivações e orientações principais dos alunos para com seus cursos que geram conflitos de perspectiva, embora os mesmos sejam velados e inconscientes. A primeira é a orientação do aluno voltado para o mercado de trabalho em geral, a outra é orientação do aluno voltado para carreira acadêmica. Os primeiros quase sempre estão de passagem pela universidade, os segundos são os que pretendem se estabelecer no cotidiano acadêmico, na maioria das vezes são oriundos da Região de Santa Maria.

A inserção no campo desta pesquisa se deu em 2014, mas somente em 2015 comecei a desenvolver o projeto desta pesquisa. Tive intenção de compreender melhor a realidade ao qual fazia parte como morador da casa do estudante desde 2013 e de entender realmente quais eram minhas dificuldades acadêmicas e sociais de fato. No segundo semestre de 2015 defini o objeto, optei por uma abordagem exploratória e no exercício da observação participante organizada, tentei responder a cada novo problema que surgia durante a pesquisa. Desta forma o exercício de distanciamento do objeto se deu pelo auto estranhamento no campo da pesquisa, contrastando meus valores e inclinações com as dos outros alunos moradores da CEU II, dos quais tive contato. Desta forma não só pude entender minha posição de investigador, como no limite do meu alcance tentei representar a realidade que me envolvia da forma mais fidedigna possível. “Em outras palavras, a antropologia procura criar dúvidas, levantando hipóteses sobre os hiatos e assimetrias que existem entre nossa maneira de ver as coisas e a dos outros. ” (FONSECA, 1999, p.59). A hipótese do estudo foi desenvolvida durante a pesquisa após já possuir uma sistematização suficiente de dados para chegar a tal grau de abstração. A hipótese

da pesquisa refletiu a minha própria referência de mobilidade no espaço universitário que precisei para executar a pesquisa.

O trabalho será apresentado pela introdução até o capítulo 1.3, com desenvolvimento do problema e hipótese. No capítulo 2 será apresentado o referencial bibliográfico juntamente o desenvolvimento teórico que orientou esta pesquisa. No capítulo 3 será situado o campo da pesquisa sendo este a cidade de Santa Maria e a UFSM. No capítulo 4 será apresentado a metodologia e as técnicas aplicadas. No capítulo 5 é apresentado o estreitamento do campo da pesquisa em torno da casa do estudante (CEU II), os seus processos sociais e histórico de sua construção e uma análise de paisagem estética. No capítulo 6 e 7 é construído um desenvolvimento teórico baseado em diversos autores para dar conta dos processos de produções acadêmicas. No capítulo 8 é apresentado os dados gerais dos entrevistados. No capítulo 9 e 10 é apresentado os dados e análises da pesquisa, da casa do estudante aos espaços acadêmicos e após a conclusão.

1.1 O OBJETO DA PESQUISA E A JUSTIFICATIVA

A escolha do objeto inicialmente se pautou pela socialização dos estudantes moradores da casa de estudantes (CEU II) da Universidade Federal de Santa Maria. Mas observando o campo da pesquisa e lendo o trabalho¹ de VILLAS (2009), optei por relacionar a socialização dos estudantes com os seus respectivos desempenhos acadêmicos, pois me chamou a atenção a quantidade de alunos que moravam a muitos anos na CEU II com dificuldades de se formarem e concluir seus tempos de moradia em tempo previsto. Então, adjunto ao objeto inicial houve um problema: Qual era a relação da socialização dos moradores da CEU II com seus respectivos desempenhos acadêmicos? Percebi através do trabalho de BIGOSSO (2006), sobre a socialização dos alunos oriundos do interior do Estado residentes² em Porto Alegre que a mobilidade no espaço universitário era parte do campo em que o objeto se delimita.

Adaptei o conceito de Espaço Tempo de David Harvey para dar cabo a este desafio, pois como este autor estuda a produção capitalista do espaço, do contrário pretendo apresentar um estudo sobre a socialização deslocada pelos espaços universitários. E acredito que com isso posso justificar esta pesquisa, pois a demanda por moradias na instituição é muito grande e se espera que os alunos se formem e deixem suas vagas para outros dentro de um tempo previsto

¹ O trabalho de VILLAS (2009), será melhor abordado no capítulo 2.

² O trabalho de BIGOSSO (2006), será melhor abordado no capítulo 2.

pela opção de curso escolhido. Também, que embora haja dificuldades vivenciadas por diversos alunos, muitas vezes em relação a possível troca de curso postergando o seu tempo na instituição, este trabalho pretende lançar luz sobre os processos socializadores na produção do conhecimento, tão importante quanto o “talento necessário” as respectivas áreas específicas de conhecimento.

Aprofundando o objeto:

O estudo se pauta pela socialização, mas essa se dá por diversas formas de relações sociais dos moradores com suas respectivas inclinações e escolhas individuais, rompendo com a dinâmica exclusivamente referente ao CEU II, ou seja, uma socialização que se estabelece através de diferentes lugares.

Em todo o processo socializador ocorrem trocas de aprendizados, então o objetivo específico se relaciona com a socialização na produção de conhecimento. Pois os alunos reconhecem-se por afinidades em ambientes para além do institucional, onde aprendem uns com os outros e com isso podem melhorar sua conduta, suas escolhas em relação a graduação.

A mobilidade dos estudantes nos espaços universitários pode ser contrastada com suas idas para cidades de origem, com isso rompem com a socialização universitária, no entanto, caso isso seja relevante para o “bom desempenho acadêmico”, meu objeto e hipótese são afetados negativamente, mas meu problema ainda se mantém coerente e possivelmente pode ser respondido.

1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE

O problema como já foi mencionado trata da relação da socialização dos alunos moradores da CEU II com seus respectivos desempenhos acadêmicos. E a hipótese sugerida em questão se refere à uma socialização universitária. Ou seja, os alunos moradores do CEU II que possuem maior mobilidade no espaço universitário pelo tempo de socialização aprendem muito mais, não só o conteúdo acadêmico de seu curso, mas toda informação necessária para adquirir posicionamentos e tomadas de ações positivas para uma boa graduação. A mobilidade os leva a interagir em diferentes ambientes e proporciona uma visão mais distanciada do “si mesmo”, com isso uma relativização de visões de mundo, modificações em certas posturas e maior adaptabilidade ao meio acadêmico. Por isso este estudo tem por objetivo específico também compreender as “formas de sociação” (SIMMEL 2013), ou conseqüentemente, as relações

sociais relevantes para um bom desempenho acadêmico que ocorrem através do espaço tempo universitário. E compreender as formas de socializações acadêmicas relevantes para a obtenção do *habitus* (BOURDIEU 2013) acadêmico³.

2 REVISÃO BIBLIORÁFICA E AS TEORIAS QUE FUNDAMENTARAM O ESTUDO

Das revisões de trabalhos semelhantes existem alguns poucos a serem citados. O trabalho mais importante que ajudou a pensar este foi o de MACHADO (2011). O estudo da autora foi focado na relação dos moradores universitários da UFSM com o espaço, mais precisamente com o patrimônio. Desde as regras institucionais de ingresso, sob condição de vulnerabilidade econômica, a adaptações a moradia, as memórias e os significados simbólicos das coisas que ocupam este espaço e as fronteiras sociais de segregação entre a casa de estudante e a cidade de Santa Maria cruzando dados de memória coletiva e memória individual dos moradores entrevistados. Este trabalho tem importância por tratar do mesmo campo que esta pesquisa pretendeu realizar. Também por trazer dados importantes que orientaram o trabalho pretendido. E por trazer nestes dados narrativas que abrem espaço para outras perguntas e reflexões, o que me ajudou a formular o projeto de pesquisa com objeto e problema diferente na tentativa de entender melhor os grupos sociais que ocupam este espaço e como este espaço confina ou abre possibilidades de socialização.

Outra pesquisa muito interessante sobre trajetórias de alunos universitários é a de BOGOSSI (2006), o trabalho verificou as mudanças ocorridas nos jovens entre o projeto de vida familiar e projeto de vida individual na universidade. E chegou à conclusão que os jovens que mantiveram maior tempo de contato com a família nos retornos em finais de semana, conservaram um projeto de vida da família para formação, não mudando a conduta típica herdada da família e de suas cidades de origem. Não saindo da “socialização primária para secundária”, BERGER e LUCKMAN (1985). Já os jovens em que adentram na “socialização secundária”, BERGER e LUCKMAN (1985), formaram novas redes de amizade, novas identidades, e um interesse de aprendizado maior, eram modificados pelo aprendizado do

³ O conceito de *habitus* aqui é utilizado no mesmo sentido que será desenvolvido no decorrer do capítulo, mas designa com mais precisão a maneira pela qual os estudantes universitários vão incorporando as ações metódicas acadêmicas, enquanto nas menções posteriores remetem a um sentido mais genérico, as experiências de classes e escolares.

“universo acadêmico e de vida na capital Porto Alegre”, saiam assim da mecanicidade de apenas se formarem para uma profissão segundo a perspectiva da família.

O terceiro trabalho que influenciou este foi o de VILLAS (2009). Ela estudou as formas de sociabilidade de alunos de um ensino médio técnico da Universidade Federal de Minas Gerais. É o único trabalho que pude encontrar em que o objeto central foi o mesmo que este. A diferença fundamental é que a autora torneou o trabalho pela referência teórica de Simmel usando alguns outros autores como complemento. O que permitiu que VILLAS (2009) pudesse estudar as relações sociais sem relacionar com desempenho escolar, ou outra coisa como desigualdade econômica. Desta forma estudou as desigualdades sociais como derivação das formas de “sociação” (SIMMEL) e sem que com isso divagasse num campo infinito. Do contrário, optei pela relação das formas de socialização com desempenho acadêmico usando para isso os estudos de Simmel e Bourdieu. As conclusões obtidas pela pesquisadora referente às formas de socialização promovidas pelo Colégio Técnico (COLTEC) da UFMG, escola pesquisada, formam as categorias: A dupla forma de ingresso, gênero e à relação com os estudos. As formas de ingresso são as automáticas, alunos provenientes da mesma escola, e a forma de concurso, sendo que alunos deste último grupo possuem status de maior intelectualidade. Os alunos ingressados de forma automática são rotulados por maior dificuldade intelectual. E, por já pertencerem a mesma escola, são mais populares, pois quando ingressam no ensino técnico já conhecem cerca da metade dos alunos.

Os três trabalhos ajudaram a delimitar o objeto de possíveis referências teóricas. O Trabalho de MACHADO (2011), levanta a possibilidade da utilização da referência teórica de Pierre Bourdieu, para compreensão do universo simbólico, sua problematização em relação ao patrimônio e espaços me levaram a utilizar o conceito de “espaço tempo” de David Harvey para pensar em tempo e espaço de socialização. Já o Trabalho de BIGOSI (2006), levou-me a refletir que através do tempo e espaços de socialização vividos pelos alunos moradores seria possível que uma “socialização secundária” tipicamente universitária fosse a chave para o entendimento do desempenho acadêmico dos alunos moradores do CEU II. O estudo de VILLAS (2009), traz a possibilidade prática de entendermos que os meios para uma “socialização secundária” tipicamente universitária se dão pelos “conteúdos e formas da “sociação”, SIMMEL (2013). E levando para o objeto que utilizo tais conceitos, acredito que as formas e os conteúdos da “sociação” desempenham o papel fundamental para o entendimento da mobilidade no espaço universitário pelo tempo de socialização na produção de conhecimento. Tentarei aprofundar melhor no decorrer do trabalho.

A palavra “solidariedade” é constituído de um prefixo “solidar” e um sufixo “dade”. “Solidariedade” foi invocada no lema da revolução Francesa, “solidarité”. O seu prefixo tem significado de “sólido”, ou mais precisamente solidificar, tornar coeso, colaboração. O sufixo “dade” condiciona o significado a quantidade, mas quantidade é de alguma coisa, no nosso caso, indivíduos humanos. “Solidariedade indica responsabilidade recíproca” (DURKHEIM 1999) e combinando o conceito, “solidariedade orgânica” (mesmo autor), teríamos a mais perfeita adequação deste termo já que os indivíduos humanos sendo tão diferentes entre si só poderiam ter algum modo de colaboração através de interesses restritos e privados, como na associação. Enquanto a “solidariedade mecânica” (DURKHEIM 1999), muito longe de designar apenas as sociedades tradicionais das antigas monarquias, torna a coesão pela coerção e força. A solidariedade se modifica⁴ pelos modos de produção econômicos e é o que dá sustentação a sociedade (DURKHEIM 1999; MARX 2013)

A palavra “sociedade” é constituída por um prefixo “socie” e novamente o sufixo “dade”. O “socie” ou o “sócio” de um conjunto de indivíduos humanos “dade”. Solidariedade orgânica e sociedade parecem representar a mesma coisa, pois nascem como expressões que representam os agrupamentos humanos a partir da Era Industrial do Capitalismo. É o que torna indivíduos humanos proprietários de si mesmo e, portanto, portadores de direito e deveres. Mas desde que nascemos não assinamos nenhum pacto, na constituição não consta o nosso nome lá assinado. É a partir da “socialização” que incorporamos os códigos de conduta social. Conforme BERGER e LUCKMAN (1985), a socialização pode ser dividida entre socialização primária e secundária. A socialização primária começaria na família, com amigos de infância etc. Conforme vamos saindo do nosso espaço mais privado e íntimo e adentrando em espaços de maior abrangência social da sociedade como igreja e escola, e continuamos para cursos, clubes, empresas, associações passamos da socialização primária para a socialização secundária.

Consta que a socialização é o “processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio integrando-os na sua personalidade sob influência de agentes sociais significativos, adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver” (ROCHER, Guy p.79-88).

Mas a socialização não torna as coisas tão automáticas assim. Se fosse, todos nós seríamos altamente sociáveis, ou socializáveis, e seríamos muito semelhantes. Existe uma “cola” que torna a socialização possível para que obtenhamos os elementos socioculturais

⁴ Marx não falou que a solidariedade se modifica pelos modos de produção econômica, mas sim a cultura e a capacidade de abstração dos indivíduos. Desta forma utilizei a junção teórica entre os autores de modo a preencher uma lacuna semântica.

naturalizados, ou seja, para que tenhamos de alguma forma assinado ou compreendido o pacto para que seja possível a sociedade. Esta “cola” é o que une a socialização a solidariedade formando a sociedade. O conceito de *habitus*⁵ de Pierre Bourdieu parece ser um elo possível para fazer a ligação entre a socialização e a solidariedade, para que possa existir as formas de sociedades.

A “ação pedagógica” implica o “trabalho pedagógico” como o trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um “hábitus” como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da “ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado” (BOURDIEU e PASSERON, 1989, p.44).

Quando os alunos moradores do CEU II chegam à universidade já possuem certos *habitus* trazidos de suas cidades de origem resultantes dos seus processos de socialização primária e secundária de acordo com as características de sua classe e cultura regional, ou seja:

[...], o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente as condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto das práticas de um agente - ou do conjunto dos agentes que são o produto de condições semelhantes - são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos ou mutuamente convertíveis - e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida (BOURDIEU, 2007, p.163).

Estas diferenças, levadas em conta as diferenças regionais destes alunos imigrados provenientes de regiões rurais, ou industrializadas, filhos de trabalhadores de indústria uns, outros do comércio, filhos de agricultores entre outros, torna possível as visíveis multiplicidades de condutas e as fronteiras culturais destes moradores entre si.

Mas o que foi compreendido durante o estudo sobre o desempenho acadêmico é o que tange o *habitus* não só como um processo resultante de uma socialização familiar, como um peso significativo sobre os estudos, mas como um *habitus* resultante de uma socialização de origem regional, uma herança comunitária regional. Segundo Bourdieu:

Todo o sistema de ensino institucionalizado (SE) deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (auto reprodução da instituição) são necessários tanto ao exercício de sua função própria de inculcação quanto à realização de sua função de

⁵ O conceito mencionado é mais abrangente. Será utilizado tanto como o sentido da teorização da primeira citação recuada, quanto da segunda sendo que a primeira vai ser expressado neste estudo como parte de um modo de estruturar e “conformar ações” (ORTIZ 1983 P.15) nas tarefas escolares e acadêmicas, e as segundas como experiência herdada de classe, aprendizado familiar e cultura de origem regional.

reprodução de um arbitrário cultural do qual ele não é o produtor (reprodução cultural) e cuja a reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social)(BOURDIEU e PASSERON, 1989, p.64).

Seguindo este mesmo raciocínio, o sistema de ensino reproduz através dos agrupamentos sociais disponíveis locais e de suas instituições o *habitus* escolar característico de cada meio social, tendo como mediações as relações de grupos e classes de cada regionalidade. Por outro lado, a auto reprodução institucional também influencia o processo de inculcação e formação de *habitus*, pois situa a instituição como uma espécie de agente central, embora inerte, sofrendo pouca ou nenhuma influência das modificações de demanda no centro das relações sociais.

Já SIMMEL (1983), tentando entender o problema da sociologia, desenvolve sua teoria com base nos conceitos de sociação. Para o autor sociação é constituída de uma “forma” e de um “conteúdo”. E complementando, o conteúdo seria:

[...], designo como conteúdo ou matéria da sociação tudo quanto exista nos indivíduos (portadores concretos e imediatos de toda a realidade histórica) – como instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico -, tudo enfim capaz de originar ação sobre os outros ou a recepção das suas influências (SIMMEL, 1983. P.60).

Em sua análise, SIMMEL (2013) tenta se afastar das orientações categóricas Kantianas de conhecimento. Pode-se talvez concluir que no conteúdo das formas estejam contidas tanto as categorias de solidariedade mecânica, como orgânica de Durkheim. É possível que SIMMEL (1983) esteja falando em “socialidade” no conteúdo da sociação.

Os conteúdos seriam as similitudes, a moralidade, as ideologias, os valores religiosos, mas também os interesses comuns, a finalidade, os gostos e os instintos. As formas correspondem à finalidade que a sociação ganha corpo. Por exemplo, se gosto de golfe me vinculo a um clube de jogadores de golfe, a forma de sociação é o clube instituído, organizado para certos fins, mas o conteúdo, oculto muitas vezes, seria, por exemplo: o status do clube perante a sociedade, o fato de este clube impedir que certas classes sociais façam parte deste clube e todo este conteúdo engendrado em uma forma e instituído assim.

Sendo assim, depois de ganhado “corpo e aparato organizacional”, a forma adquire certa independência do conteúdo. Esquecemo-nos da relação que as formas possuem com o conteúdo e das disposições sociais que engendraram a forma e da relação com os objetivos que a realidade exige. Muitas vezes após o conteúdo da sociação ter adquirido uma forma, com o passar do tempo os conteúdos se modificam, mas a forma de maneira totalitária se mantém

desatualizada das necessidades reais. Em geral, de maneira passiva nos associamos às formas prontas sem questionar e reproduzimos novamente as formas de maneira inerte. Se os conteúdos representarem a sociabilidade ou socialidade, as formas talvez representem as práticas herdadas dos conjuntos de instituições. As “formas” de sociação talvez sejam os espaços ou lugares que ligam os conteúdos das disposições psíquica ao *habitus*. Nos conteúdos temos as iniciativas da sociabilidade e nas formas as possibilidades de realização. SIMMEL (1983) complementa ainda que uma sociação desconstituída de conteúdo é a sociação plena, sociação pela sociação.

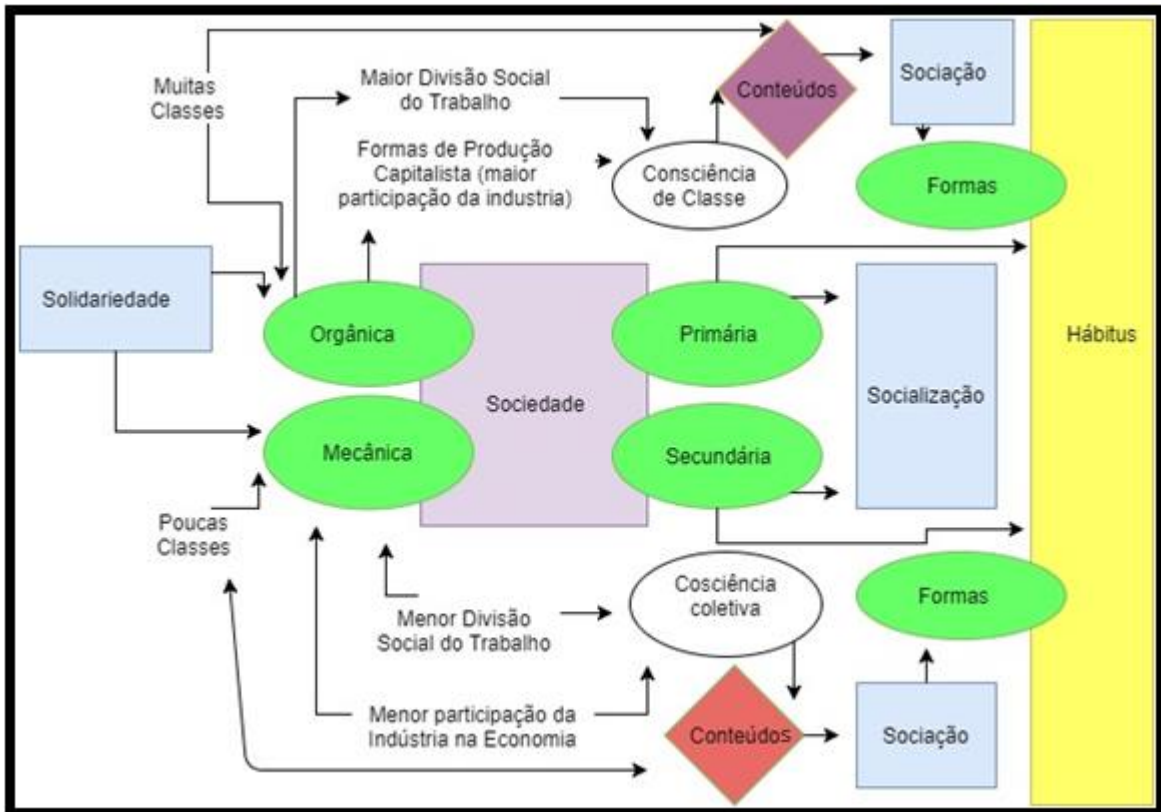
Para SIMMEL (2013) a todo indivíduo existe uma parte da qual é matéria que constitui sua sociação e uma parte além desta. “A sociedade é, por sua vez a unidade objetiva que prescinde de um observador que não esteja contido nela mesma” (SIMMEL, 2013. P. 655). Para o autor, antes de classificar o *a priori* das associações é importante entender o envolvimento dos indivíduos nas formas e nos conteúdos de sua sociação. “A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses” (SIMMEL, 1983. P. 60). Para o autor uma mesma forma pode ser composta de diversos conteúdos e conteúdos semelhantes podem se realizar de diversas formas. Toda ação individual orientada por seus conteúdos próprios é, assim, uma ação de significados próprios e de realizações com significados distintos para cada indivíduo.

Levando em consideração o campo desta pesquisa, e se me pusesse a questionar as motivações que cada estudante adere ao nosso sistema burocrático da instituição e todas as formas de sociação que prescinde posteriormente, com SIMMEL (2013) responderia da seguinte forma:

[...] na burocracia, que consiste numa ordem definida de “posições”, numa determinação prévia das realizações que, subtraída daqueles que em cada caso lhe servem de suporte, resulta em um encadeamento ideal; dentro desse encadeamento, cada novo indivíduo encontra um lugar inequivocamente determinado, que por assim dizer esperava por ele e em relação ao qual suas energias precisam entrar em harmonia. O que, no caso da burocracia, é a amarração consciente, sistemática dos conteúdos das realizações, é, na totalidade da sociedade, certamente um jogo confuso, inextricável de funções; [...] (SIMMEL, 2013, p. 667).

Levando em consideração o *habitus* herdado, o conteúdo das amarras psíquicas em uma burocracia talvez não necessariamente consiga entrar em harmonia com ela. Mas no decorrer da repetição cotidiana pode encontrar conformidade com a burocracia pela perda da autonomia e o sentido ou conteúdo original que outrora procurava-se realizar. A seguir um mapa conceitual que sintetiza os conceitos trabalhados:

Figura 1- Mapa conceitual: relação conceitual sociológica utilizada



Fonte: Reflexão histórica das obras citadas neste capítulo: DURKHEIM, SIMMEL e BOURDIEU, 2016. Elaboração: O Autor

Adiantando o conteúdo que será apresentado neste trabalho, é importante ressaltar que encontramos a nível de Santa Maria, pouca presença da indústria na economia o que é fundamental para entendermos o conceito de solidariedade orgânica e de interdependência de Durkheim, que parece refletir as relações sociais neste ambiente.

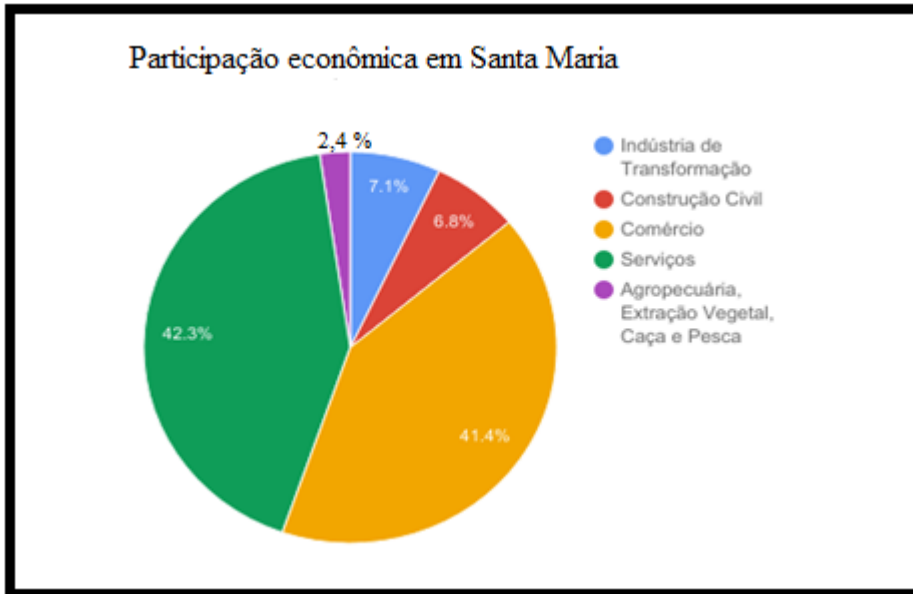
3 SITUANDO A CIDADE DE SANTA MARIA E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Conforme o estudo da PADOIM (1992) sobre o empresariado de Santa Maria, bem como uma revisão histórica da cidade, chegou-se à conclusão que a cidade de Santa Maria é uma cidade que se desenvolveu a seu próprio modo pelo grande contingente de funcionários públicos. Embora não houve sucesso na política de implementação da indústria local, comodamente os investimentos em comércios e serviços sempre pareceram vantajosos.

Conforme PADOIM (1992), em 1988 Santa Maria possuía mais ou menos 20 mil funcionários públicos ligados ao Exército, Aeronáutica e Brigada Militar; 3 mil e 600

professores estaduais; 1 mil e 136 professores municipais; 994 funcionários municipais; 2 mil e 689 funcionários da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e 1 mil e 365 professores da UFSM. Dados mais recentes publicado pelo SEBRAE fornecem entendimento da importância do comércio no setor econômico de Santa Maria:

Gráfico 1 – O PIB de Santa Maria



Fonte: Perfil das Cidades Gaúchas: Santa Maria - 2016. SEBRAE

Conforme os dados dispostos em 2016 pelo site (www.ufsm.br, junho de 2016), a UFSM contava com 4 mil e 765 funcionários totais em Santa Maria, sendo que destes, 1 mil e 669 são professores do ensino superior. Consta ainda que estavam matriculados 20 mil alunos no campus do Bairro Camobi e 2 mil e 183 alunos frequentam aulas no Centro de Santa Maria. Com estes dados pode-se imaginar em uma cidade de porte médio com aproximadamente 270 mil habitantes a importância tanto do funcionalismo público como da imigração de estudantes para a economia de Santa Maria.

A UFSM é uma instituição Federal de ensino superior público. É situada na AV. Roraima do Bairro Camobi em Santa Maria-RS, possui alguns prédios no Centro da Cidade, mas os alunos do CEU II residem no Campus do Bairro Camobi.

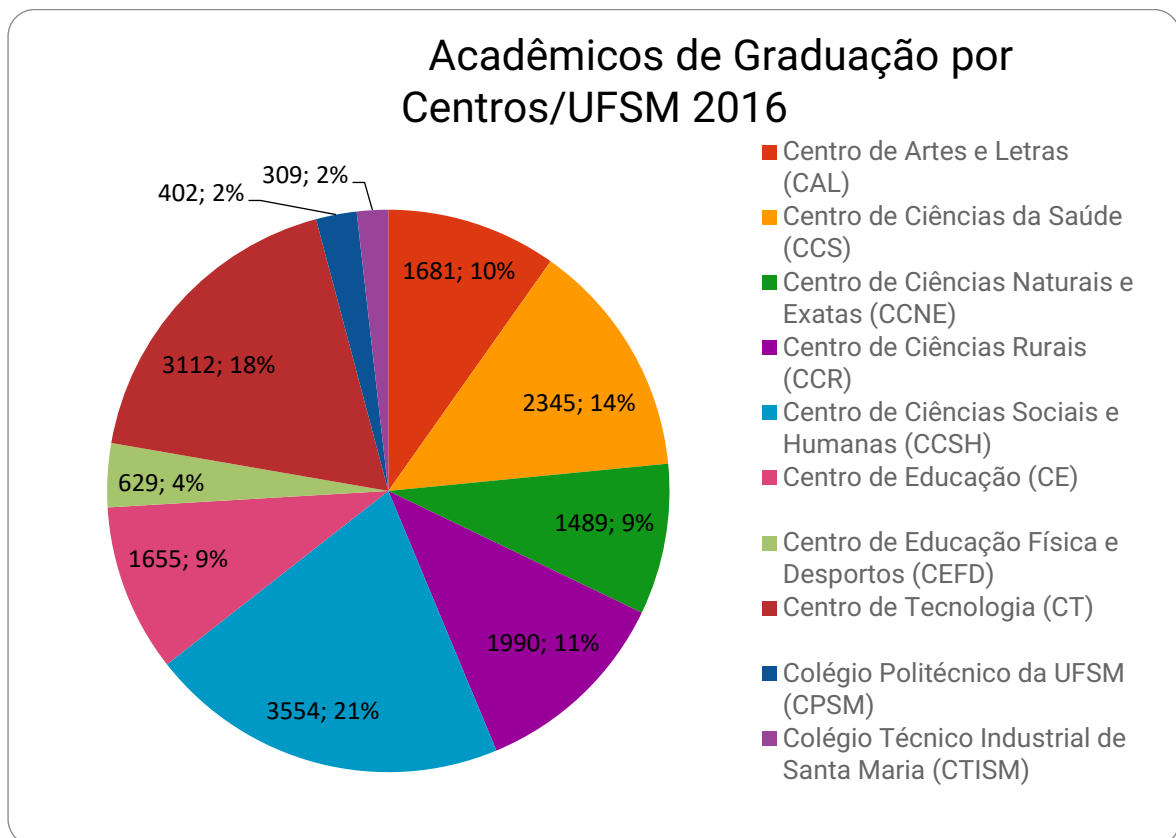
Cabe ressaltar alguns dados sobre a Universidade Federal de Santa Maria para melhor compreendermos o seu funcionamento bem como isso impacta no objeto estudado.

A Universidade Federal de Santa Maria, idealizada e fundada pelo Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho, foi criada pela Lei n. 3.834-C de, 14 de dezembro de 1960,

com a denominação de Universidade de Santa Maria, instalada solenemente em 18 de março de 1961. A UFSM é uma Instituição Federal de Ensino Superior, constituída como Autarquia Especial vinculada ao Ministério da Educação [...] (www.ufsm.br/histórico/ apud MACHADO 2011).

Em 2016 a Universidade Federal de Santa Maria conta com a frequência de matrículas de graduação por áreas específicas do campus e dos prédios do centro da cidade do seguinte modo:

Gráfico 2 – Disposição de graduandos da UFSM por Centros no 1º semestre de 2016



Fonte: Portal UFSM / indicadores 2016. Elaboração: O Autor

Os dados foram adaptados para este trabalho que levou em conta a disposição dos cursos em função das possibilidades dos alunos moradores da CEU II cursarem. Mas na página há dados de outros Campus de outras cidades. O número de matriculados em 2016 na UFSM fica em torno de 17 mil e cem alunos graduandos entre o Campus do Bairro Camobi e os prédios da UFSM situados no Centro da Cidade de Santa Maria

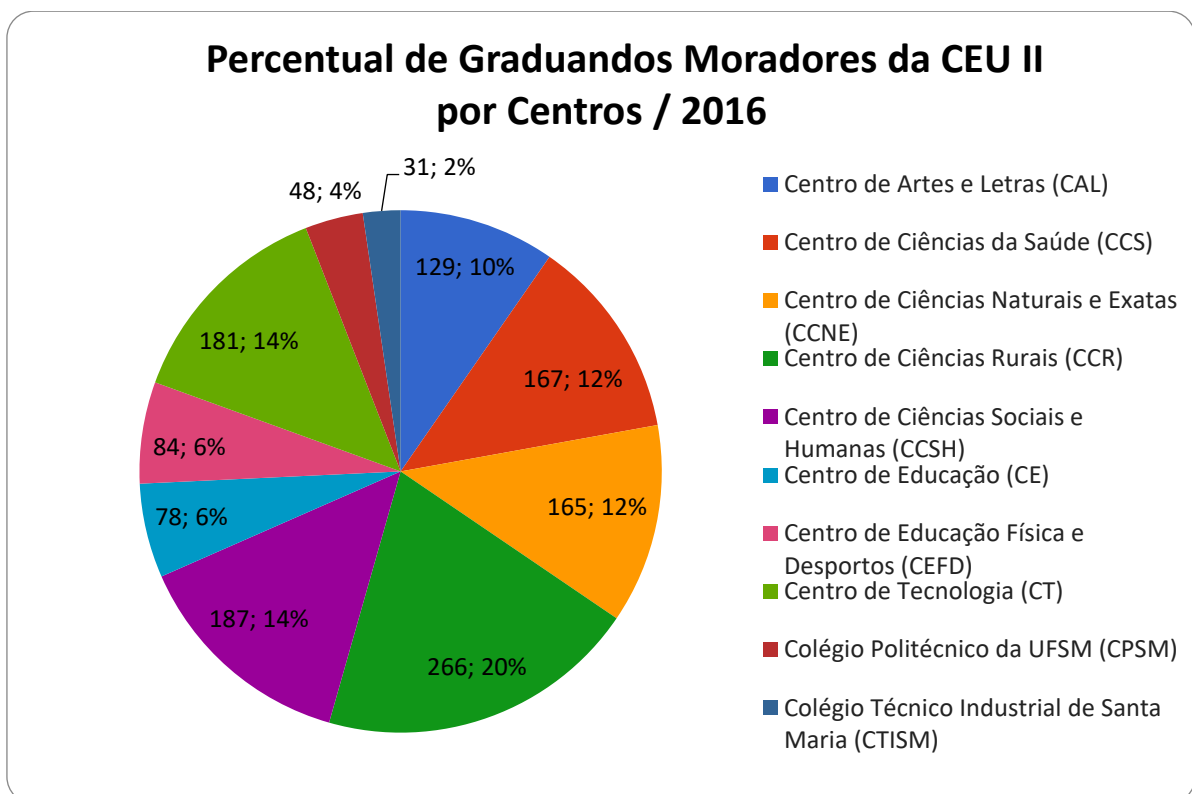
A UFSM, possui como forma de ingresso nos seus cursos o sistema SISU desde o ano de 2016, onde os alunos interessados se inscrevem apresentando suas notas do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Mas, os alunos estudados classificaram suas vagas tanto

pelo SISU quanto pelo vestibular o que poderá ser identificado pelo ano de ingresso apresentado.

4 PROCEDIMENTO TÉCNICO E METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi aplicado um questionário que investigava o tempo de produção acadêmica de forma individual, o tempo e as formas de produção com socialização e seu deslocamento pelo espaço universitário. Foi seguido inicialmente uma técnica de amostragem para aplicação dos dados quantitativos, além da observação empírica e participante. Distribuição dos 1336 alunos pesquisados por centros de ensino no gráfico:

Gráfico 3 – Disposição dos alunos da CEU II por Centros em 2016



Fonte: PRAE 2016. Disponibilizado por: Técnico Eduardo Shuwanck Saraiva. Elaboração: O Autor

Para este estudo, foi pensado em uma amostra de três a quatro por cento proporcionais aos valores do gráfico anterior relacionados aos centros de ensino. No entanto não haveria como se conseguir com tal proporção um representante por cada curso. Para que se conseguisse um único representante ao menos por curso seria necessária uma amostra maior, cerca de seis a sete por cento. Isso elevaria o número de estudantes do centro CCR para cerca de 25 entrevistados e

o número total de entrevistas chegaria a quase 90. Então o trabalho sobre os processos de produção se tornaram inviáveis estatisticamente. No decorrer do trabalho será mencionado a dificuldade de se adentrar pelos espaços da CEU II, os moradores em sua maioria estavam muito ocupados com trabalho, estudo, pesquisa uns, outros por mera falta de interesse não contribuíram com a pesquisa suficientemente. Para piorar a situação havia uma greve acontecendo em novembro de 2016 por causa da redução de custos nas áreas sociais anunciadas pelo governo de Michel Temer, muitos alunos se encontravam na ocupação dos Centros como forma de protesto.

Decidi utilizar os dados conseguidos, 54 entrevistas, mesmo sabendo das dificuldades de trabalhar estatisticamente com este número de entrevistas. E, de forma complementar, com ajuda da técnica de observação participante completar e qualificar o trabalho onde os dados obtidos por questionários não poderiam alcançar informações de forma eficiente. Os dados que informavam tempo de produção exclusivamente individual, por terem se mostrado insuficientes foram ignorados das observações. Foram centralizados os dados em torno da hipótese da pesquisa. Os gráficos foram construídos com ajuda do programa de computador SPSS com intuito de demonstração e organização lógica dos dados. Sendo assim esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo com técnicas de questionários e observação participante. A amostra coletada de entrevistados embora não tenha conseguido representar os respectivos extratos dos cursos e centros acadêmicos, não falhou em dar representatividade dos assuntos que envolvem a moradia universitária por ter coincidido com a técnica de amostragem por conglomerado da geografia. Desta forma quando refiro a socialização na produção acadêmica a amostra não é probabilística, embora possa trazer novas possibilidades de estudos posteriores. Já quando o assunto é restrito ao Universo CEU II a amostra é relevante nos seus aspectos gerais, pois dos 1336 alunos residentes em 2016, 54 entrevistas equivalem uma amostra de 4%, sendo que estas estão distribuídas proporcionalmente por entre os 4 prédios que no período correspondiam a totalidade da CEU II.

A contribuição da geografia foi de se pensar a socialização não de forma estática, mas sim de forma móvel, que se desloca por diferentes espaços e quantidades de tempos diversas. E através da observação do campo desta pesquisa, encontrar nas diferentes formas de aprendizados, e lugares onde ocorrem, as repostas sobre desempenho acadêmico. Então a compreensão do campo ajudou encontrar ferramentas técnicas de investigação apropriadas e delimitar o objeto na realidade. Uma segunda contribuição da geografia imbricada a anterior foi observar como a paisagem da universidade e mais precisamente a da residência estudantil CEU II impacta diretamente e indiretamente nas relações sociais que ocorrem sobre ela.

5 A CASA DO ESTUDANTE CEU II: PAISAGEM, ESTÉTICA E SOCIALIZAÇÃO

A Casa do Estudante Universitário I (CEU I), que se situa no Centro de Santa Maria, e a Casa do Estudante Universitário II (CEU II), situado no campus da UFSM pertencem ao mesmo projeto inicial de construção da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), conforme MACHADO (2011), embora a CEU II, demorou mais para ficar pronta.

Criada em 1968, a CEU II surge da necessidade dos estudantes de baixa renda provenientes de toda a região em manter-se estudando. Inicialmente, resumia-se ao Bloco 11. Porém a crescente demanda por moradia estudantil evidenciava a necessidade de ampliação das vagas disponíveis para um contingente cada vez maior de jovens, o que aliado a presença das estruturas dos “escombros” inacabados pela velha “falta” de verbas, desde o início fez com que estes questionassem os “porquês” de tão poucas vagas.

Aliás, esta mesma falta de recursos (e de prioridade) também era responsável por cobranças de mensalidades na Casa! Mas felizmente, devido a persistência dos moradores, conquistou-se o direito à moradia estudantil gratuita.(CEU II, 2016, w3.ufsm.br/ceu2/site/_acessado em setembro)

Para que o aluno possa morar na Casa de Estudante CEU II é preciso que ele conquiste seu Benefício Socioeconômico (BSE) que é um direito do aluno da UFSM, regularmente matriculado em cursos presenciais, que se encontra em situação de vulnerabilidade social. Abrange os seguintes benefícios: Moradia estudantil, bolsa alimentação, bolsa transporte, auxílio a materiais pedagógicos e atendimento odontológico. Para solicitar o BSE, o aluno deve seguir as orientações publicadas em edital no início de cada semestre letivo. Para que o aluno mantenha o BSE é necessário a aprovação mínima de 50% cursadas no semestre letivo e matricular-se, a cada semestre, em disciplinas que perfaçam uma carga horária mínima de duzentas e quarenta horas, exceto quando possível formando (PRAE 2016, w3.ufsm.br/prae/)

No site da Direção da Casa é comentado que a princípio só havia homens residindo na CEU II, também MACHADO (2011), narra falas de moradores a respeito da luta pela inclusão de moradoras mulheres e o constrangimento moral e preconceitos vividos pelas primeiras moradoras mulheres na casa, isso por volta dos anos de 1980.

É mencionado também a repressão vivida pelos moradores em meio a Ditadura Militar:

Mas, brabo mesmo era no tempo da Ditadura. Tinha um escritório do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social, que era o órgão da Ditadura responsável pelas perseguições políticas, torturas, etc.) na Reitoria. E para piorar a Diretoria da CEU tinha naquela época uma relação muito “amistosa” com a Reitoria, denunciava estudantes que pensavam e agiam diferente daquilo que estava estabelecido, e o

DCE, chegou ao cúmulo de em 1969 (quando estudantes do Brasil inteiro se mobilizaram contra a Ditadura e a UNE lutava para se organizar na clandestinidade) homenagear o então presidente Gal. Castelo Branco como sócio emérito do DCE. Foi a única organização estudantil a homenagear e receber um representante da Ditadura. Mas voltando à Diretoria da Casa, esta em nome de sua “amizade” com a Reitoria foi até contra a entrada de mulheres na Casa. Bem, mas em meados da década de 70 os moradores se organizam, mudam a linha política da Diretoria da Casa, encabeçam o Movimento Resistência, que culminou com as eleições diretas para o DCE (antes disso, o DCE era “eleito” pelo Reitor e seus Pró-Reitores), e participam ativamente da reorganização da UNE em 1979 (CEU II, 2016, w3.ufsm.br/ceu2/site/ - acessado em setembro).

Para descrevermos as formas espaciais das moradias de estudantes CEU II é preciso fazê-la de forma a refletir antes o momento histórico em que se projetava a ampliação de vagas no ensino superior no Brasil, bem como a universalização da assistência estudantil.

O Brasil nos primeiros anos da década de 1930 possuía um grande aparato sindical proletário⁶, com a passagem para o Estado Novo tem pouco a pouco suas organizações de classe subalternas dominadas pelas amarras burocráticas. Numa situação de perda de autonomia em um Estado de crescente centralização, veem-se talvez surpreendidas as elites pelas organizações estudantis que não encontravam-se limitadas pelas leis de organização sindical⁷. E assim:

A criação da UNE neste período, foi preponderante também para o ensino superior e para a efetivação desta assistência. Mesmo com todo o autoritarismo da época, nascem no Estado Novo e com ela os movimentos estudantis pela ampliação e progresso das condições de ensino; e assistência estudantil. Dona de um discurso insurgente as propostas do governo federal e, consumida por ideais de liberdade, equidade, acessibilidade e autonomia frente às instituições e ao Estado, a UNE defendeu a participação política discente e docente paritária, a livre associação dos estudantes dentro da universidade; a participação discente na elaboração dos currículos; além da melhoria da assistência estudantil e infraestrutura institucional (MACHADO, 2012, p. 31).

E após o Estado Novo (Era Vargas), “a Constituição de 1946 passa a refletir o processo de redemocratização do país, e a educação superior corre para uma era de integração [...] (MACHADO, 2012, p. 32). E:

⁶ ARAUJO, Angela (2002) - o RS possuía 158 sindicatos de trabalhadores filiados ao Estado Corporativista até 1937 contra 148 de SP. A autora menciona em seu estudo que a colaboração entre as classes proposta pelo Estado Corporativista trazia a consigo uma proposta de transformação conservadora. E negava as massas populares qualquer possibilidade de organização e ação transformadora, sendo que era do interesse dos intelectuais tenentes a transformação através das elites, pelo Estado.

⁷ ARAUJO, Angela (2002) - O governo de Getúlio Vargas tinha por finalidade a organização de um Estado corporativista com participação de representantes de classes em um projeto de construção nacional de desenvolvimento econômico feito de cima para baixo, embora fazendo algumas concessões às classes menos favorecidas.

Num plano nacional definido por projetos desenvolvimentistas, flexíveis e integrados, contrapondo o que se tinha até então. Eles serviram de padrão para as reformas de expansão universitárias dos anos 60 e a intensificação de movimentos estudantis pela melhoria de acesso e equidade ao ensino superior. A UFSM foi articulada [...] nesta égide, sendo inaugurada em 1960 [...] (MACHADO, 2012, p. 32).

Cabe ressaltar o contexto em que conflitos podem ter motivado a maneira pela qual é constituído a forma do espaço físico Universitário:

Em 1968, imersos numa movimentação intensa de lutas estudantis apoiadas pelos profissionais da educação, na busca por melhorias de acesso e permanência nas universidades, lapidou-se a primeira grande reforma universitária. Com a aprovação da Lei de Reforma Universitária no 5.440/68. Trazendo consigo significativas mudanças na estruturação e condução das universidades brasileiras, como o aumento de vagas, racionalização de recursos, flexibilização administrativa e indissociando seu caráter contíguo de compromisso com o ensino, a pesquisa e a extensão. (OLIVEN, 2005, apud MACHADO, 2012, p. 32).

É neste contexto que, conforme MACHADO (2012), fora planejado que as faculdades/universidades públicas antes situadas nos pontos centrais das cidades, foram transferidas para os campi na adjacência das mesmas. “Era o “mais adequado” na tentativa de enfraquecer e apaziguar os movimentos estudantis e articulações políticas provenientes do seu interior” (MACHADO, 2012, p.32). Podemos suscitar ainda a possibilidade das articulações políticas herdadas do modelo corporativo que delimitam os espaços vividos pelos estudantes, assim como possibilitam ou não apropriação dos mesmos pelos usos possíveis dentro de uma dinâmica de lutas e conflitos no interior da instituição. Sendo assim:

[...] as estruturas urbanas modernas são pensadas, desenhadas e construídas pelo homem, no caso, pela inferência de um órgão e governo público; o que advém de predicados, funções e relações sociais de poder. Como reflexos de uma organização social. O que faz com que a arquitetura de uma instituição como a da UFSM torne-se um produto cultural carregado de sentido e interação. E por suas características, transforma-se em instrumento essencial para a obtenção de resultados calculados de reprodução e representação social (ZARANKIN apud MACHADO, 2012, p. 110).

E desta mesma forma, “o espaço não confina, mas limita a circulação delineando as relações de uso ou de pertencimento. Há todo um universo simbólico que atua na familiarização dos espaços, tornando-os estranhos para os sujeitos que não compartilham de seus códigos.” (GAMALHO apud MACHADO, 2012, p. 17). Mas diferente de Machado, conforme a citação anterior recuada citada, defiro no que ela revela como “produto cultural carregado de sentido e interação”. De um ponto de vista quantitativo, seria mais claro a perspectiva de um espaço pensado e construído, mas que tivera como consequência, provavelmente de maneira “não

intencional”, a diminuição de produção cultural, carregado de poucos sentidos e poucas interações. Do mesmo modo, um espaço que restringe, diálogos e contribuições das mais diversas frações de classe que constituem este espaço. Também se há sentidos, que tipos de sentidos são estes? E como esses sentidos devem ser compreendidos a partir da socialização na produção de conhecimento através do “espaço tempo” como objeto delimitado? O que tentaremos compreender a partir desses estudos no decorrer desta apresentação. Mas antes cabe uma reflexão das organizações espaciais da CEU II.

A arquitetura predominante da Universidade é do tipo moderna. O estilo moderno é muito presente após a grande expansão urbana do Brasil, principalmente após o intervencionismo Estatal da Era Vargas⁸. O modelo da UFSM de campus e da Casa do Estudante (CEU II) parece seguir o modelo da América do Norte. O que é compatível com o contexto histórico do Brasil pós Vargas e o período da Ditadura Militar dos anos 60 conforme consta na revisão do trabalho de MACHADO (2012) desenvolvido até aqui.

[...] um novo conceito de campus – o de Cidade Universitária - amplamente difundido na América do Norte a partir do século XX, constata-se um abandono das relações com o meio urbano e com a população não universitária do entorno, pois suas áreas de destino são geralmente delimitadas, inclusive fisicamente, e concebidas previamente como cidade universitária moderna, o que de fato acaba reduzindo a tão desejada interação universidade e sociedade, causando um estreitamento das relações com o meio em que se insere (VILELA JÚNIOR, 2003 apud NAWATE, 2014, p. 15 e 15).

A CEU II por ter sido construído em um bairro de expansão recente, que a poucos anos era coberto por áreas rurais, os alunos que aqui residem se encontram afastados, e este considero uma observação importante, de uma integração social com o resto da cidade. É claro que nada impede os alunos moradores do Campus, bem como todos os jovens que moram no Bairro Camobi de irem ao Centro da Cidade. Mas há de se levar em conta a “condição de estudantes”, principalmente os que residem na CEU II, pois supõe-se que possuem dificuldades econômicas. Então, muitas vezes submetem-se, os alunos, a dependência de programas institucionais ou aos limitados eventos grátis organizados pela Direção da CEU II, ou o Diretório Central dos Estudantes. Não há muito o que se escolher, principalmente levando em consideração associação por gostos. Os alunos que residem na CEU I que se situa no Centro da Cidade possuem mais proximidades com ofertas de serviços, entretenimentos com preços variados. A falta de integração se dá por falta de espaços de afinidade. Tudo é burocratizado, distante. De

⁸ Nogueira (2011). A autora faz um estudo das arquiteturas modernas do Brasil, do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Maria.

2013 até 2016 percebeu-se um certo aumento gradual em ofertas de serviços na CEU II e no Bairro Camobi, antes não havia ninguém interessado em ofertar tais serviços na CEU II. O que pode estar relacionado ao fato de os moradores tradicionais de Santa Maria possuírem certos preconceitos com os moradores da CEU II como relatado nos trabalhos de MACHADO (2011 e 2012). Mas também recentemente a tecnologia, como exemplo os aplicativos de smartphones, tem sido um aliado na melhoria de serviços que se encontra na CEU II. Mas pode se supor que o distanciamento de áreas de socialização, integração com as áreas urbanas da Cidade, associação por gostos e interesses tendem a não se perpetuar indefinidamente, dado que a Universidade Federal de Santa Maria possui interesse de trazer toda sua extensão institucional da cidade de Santa Maria para o Campus Universitário do Bairro Camobi uma vez que ainda restam prédios e cursos no Centro da Cidade. Em alguns anos haverá maior diversidade de interesses e demandas crescentes neste bairro. Com isso espera-se que aumente ofertas que atendam às necessidades destes alunos.

A seguir algumas comparações de moradias de estudantes Unversitários:

Figura 2 – Fotos de condomínios de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais construídos na área urbana do Bairro Ouro Preto em Belo Horizonte, Minas Gerais.



Fonte: 1- Maxtemper; 2 – O Tempo

Figura 3 – Foto da casa do estudante da Universidade Federal de Santa Catarina



Fonte: Hora de Santa Catarina/ Moradia Estudantil do UFSC

A Casa do Estudante Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se difere das moradias de estudantes de baixa renda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por ter sido construída no interior do Campus Universitário. Bem diferente destes modelos se parece a Casa do Estudante Universitário II da UFSM, que como já mencionado parece seguir o modelo da América do Norte.

Figura 4 – Fotos da Casa do Estudante Universitário CEU II



Fonte: 1 – Arquivo pessoal de abril de 2015; 2 – PRAE

A CEU II / UFSM pode ser comparada com pelo menos três outras moradias estudantis de universidades públicas que parecem seguir o modelo moderno da América do Norte. As três universidades possuem moradias com arquiteturas modernas em formatos de blocos horizontais.

Figura 5 – Casa de estudantes universitários com formatos e arquiteturas, semelhantes a CEU II/ UFSM (mosaico)



Fonte: 1 – UFRJ; 2 - Monica Kaneco/Flickr; 3 – VC no G1; 4 – Wikimedia Commons

A foto 1 e 2 da figura 5 correspondem a casa do estudante da Ilha do Fundão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A foto 3 corresponde a casa do estudante da UNICAMP e a foto 4 a casa do estudante da Universidade de São Paulo. Todas se situam nos campi das universidades formando alojamento em forma de condomínio ou bairro de estudantes, embora os prédios da UNICAMP pareçam ser mais novos. O intuito destas comparações é mostrar algumas diferenças nos formatos de moradias mais próximos, embora diferentes, da aparência da CEU II. Existem muitos outros formatos e muitas universidades possuem seus alojamentos de estudantes dispostos em prédios individuais e mais verticalizados nos centros e bairros de suas cidades.

Não sabemos até que ponto as semelhanças entre as formas de alojamentos atuam em problemas comuns de conflitos de vizinhança, além de favorecer ou dificultar as relações sociais entre estudantes moradores, mas algumas coisas são possíveis de questionar neste estudo. Uma delas que o controle da atividade social de residentes estudantis não é dado a partir de regras das leis orgânicas da cidade, pois o campus universitário das universidades federais é regido por leis federais. Deste modo, quando pessoas estranhas entram no espaço das residências estudantis

com intuito criminoso os alunos se encontram de mãos amarradas por depender exclusivamente da polícia federal e não saber como acioná-la. Além disso é possível refletirmos o aspecto da paisagem nas relações humanas.

Segundo COSGROVE (1998. P.99), a paisagem é: “ (i) um foco nas formas visíveis do nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; (iii) a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo”. Seguindo a ordem, COSGROVE (1998) refere-se a cultura como poder para compreender de que modo se dá a codificação das paisagens simbólicas: “Poderíamos falar de culturas dominantes, residuais, emergentes e excluídas, cada uma das quais terá um impacto diferente sobre a paisagem humana” (COSGROVE, 1998, p 111). O autor tipifica as três formas de cultura, mas me deterei a cultura dominante:

Quando falo em poder não quero me referir apenas no sentido limitado de um grupo executivo ou de governo em particular, mas precisamente ao grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente no controle dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho: no final são eles que determinam, de acordo com seus próprios valores, a locação do excedente social produzido por toda a comunidade. Seu poder é mantido e reproduzido, até um ponto considerado realmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar ...] através de todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter esta imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um (COSGROVE, 1998, p.111 e 112).

Em sua análise, COSGROVE (1998), dá suporte teórico para uma confluência com a teoria sociológica de BOURDIEU e PASSERON (1989), no que se refere ao sistema de ensino servir-se de suas instituições para seu funcionamento e para a auto reprodução de suas instituições nas suas funções de inculcação. Desta forma a organização da estrutura universitária parece ter sido racionalizada em sua função administrativa burocrática, mantendo cada centro autônomo e distante um dos outros, mas hierarquicamente todos dependente de sua Reitoria e ao Sistema de Ensino do Estado brasileiro. Mas também é um espaço público que grupos sociais se relacionam, influenciam e sofrem influência da instituição.

Sendo assim, a organização política administrativa da universidade tem um papel impactante na ordenação da paisagem universitária e na possibilidade organizativa da função, do sentido, e das possibilidades de coibir ou não tipos específicos de relações sociais sobre o espaço. Com base nisso, torna-se relevante uma maior aproximação entre os centros acadêmicos, das categorias que compõem a instituição, dos moradores da CEU I, CEU II e CEU III (alunos do mestrado) para que com isso possam formar uma maior coesão interna. Observemos a seguir:

Figura 6 – Mapa sobre a disposição espacial orientada pela AV. Roraima



RIZZATTI, Maurício (2016)

Os prédios estão construídos no sentido Norte/Sul, sendo que os pontos Centrais de maior fluxo social, como a União Universitária, que junto ao mesmo prédio funciona o Restaurante Universitário (R.U), não podem ser avistados dos quartos por nenhuma janela com clareza, dando uma sensação de isolamento. Do segundo prédio em diante, contando a partir da AV. Roraima só se pode ver outro prédio a frente ou uma estrada. O terceiro e quarto prédio da CEU II tem seus apartamentos dispostos no sentido Norte /Sul, um paralelo ao outro conforme indica os tracejados pretos referente ao terceiro prédio da imagem acima associado ao espaço CEU II. Os dois primeiros prédios possuem seus apartamentos no sentido Leste /Oeste, mas estão separados por um banheiro de uso coletivo que foram representados nos tracejados que indicam a direção conforme imagem acima referente ao prédio mais próximo da AV. Roraima situado no espaço CEU II. Assim todos os apartamentos, possuem visões das suas janelas dos quartos, ou para o Sol nascente, ou para o Sol poente. Não dá para saber o que está acontecendo realmente no Campi ou na CEU II, a não ser que você saia e ande. Desta forma, assim como os alunos moradores não sabem o que se passa nos ambientes próximos, a não ser que a informação

venha até eles, principalmente se tiver uma boa rede de relações sociais, também a Universidade, ou os alunos circundantes pelo Campus, não tem ideia do que se passa nos apartamentos da moradia estudantil. Em 2016 houve casos de pessoas sem vínculo direto com a UFSM expiarem moradoras enquanto tomavam banho nos banheiros de uso coletivo, pelas frestas de ventilação superiores. Não existe muitos pontos de integração social e socialização comunitária que poderiam fornecer uma proteção contra abusos de indivíduos externos ou mesmo internos. E pelas mesmas dificuldades há as barreiras para conseguir-se vaga em uma destas moradias, como também uma entrevista para este estudo. Pois os alunos moradores com facilidade dizem não haver tempo naquele momento, dizem para voltar outra hora e fecham suas portas. Se você não possuir muitos amigos, você encontrará muitas dificuldades neste espaço. Somente a Direção da Casa, a PRAE, e os responsáveis pelo Patrimônio possuem facilidade de inserção por entre estes espaços.

Pelo mapa também se pode interpretar uma possível facilitação no fluxo de entrada e saída com as ruas acompanhando a A.V Roraima. Deste modo o fluxo é restringido para o contexto exterior da Universidade e nunca para seu interior. Não há uma organização do fluxo que interiorize e integre todo o Espaço Institucional em algum ponto central, mas sim que o divide e anexe separadamente suas partes para as saídas. Todos os prédios mais antigos seguem esta função e estão a acompanhar a Av. Roraima, são identificados pelo seu sentido Norte/ Sul.

Figura 7 – Mosaico referente a construção dos quiosques com churrasqueiras



Fonte: 1- Arquivo pessoal de Abril de 2015; 2 – Mesmo arquivo

Estas fotos ilustram o único ponto de interação coletiva da casa, que se encontrava sucateado alguns anos antes e pouco a pouco passou a ser intensivamente ocupado por alguns moradores e frequentadores da cidade. Durante este período estavam sendo construídos três quiosques, dois próximos à quadra de vôlei de areia que aparece ao fundo.

Figura 8 - Foto do início da ocupação da quadra de vôlei



Imagem 3: Refere-se ao mesmo contexto das duas imagens anteriores.

Na figura 8 pode-se observar o período em que alguns alunos moradores começaram a ocupar áreas de uso coletivo. Neste momento esportes coletivos que proporcionam ampla interação social não figuravam popularidade e grande adesão dos alunos moradores da casa no entorno do espaço CEU II.

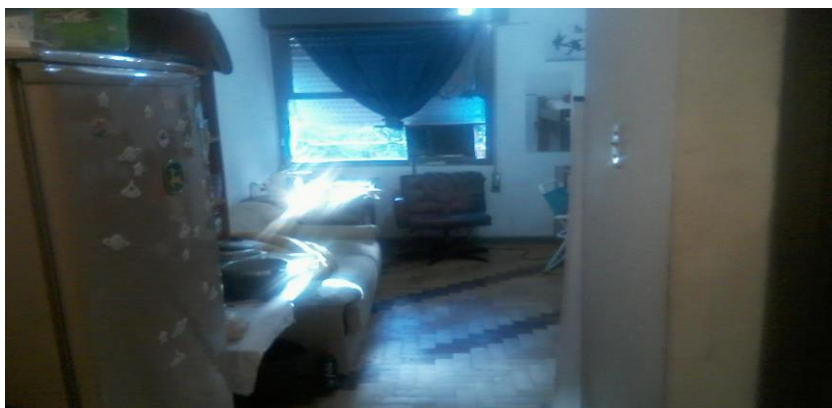
Figura 9 – Fotos que ilustram algumas mudanças na paisagem (mosaico)



Fonte: 1- Arquivos pessoal de abril de 2015; 2 – Arquivo pessoal de agosto de 2017; 3 – Arquivo pessoal de abril de 2015; 4 – Arquivo pessoal de agosto de 2017.

Os espaços físicos próximos a CEU II são considerados por muitos estudantes moradores como quintal de suas residências. No trabalho de MACHADO (2011), é mencionado que um aluno chega a considerar toda a UFSM como extensão do quintal da CEU II. No entanto percebe-se os conflitos entre o discurso que diz apropriar-se do espaço e a realidade que exhibe descaso, abandono e conflitos dos mais variados. Nesta pesquisa que disponibilizou de entrevistas dos moradores em 2016 colocou uma questão aberta para os alunos moradores da CEU II a respeito do seu contentamento sobre o espaço da CEU II. A maior parte disse estar satisfeita, a segunda maior parte disse estar mais ou menos satisfeita e a menor parte disse estar insatisfeita. Não se contabilizou os dados porque menos da metade dos alunos responderam à questão, sendo que a maior parte dos entrevistados se mostraram surpresos com tais perguntas uns, e outros pouco à vontade em responder. Na sequência havia sido perguntado sobre o que eles mudariam no espaço da CEU II se pudessem fazê-lo. As respostas semelhantes de maior número giram em torno dos espaços de uso coletivo. Muitos alunos declararam a necessidade de mais churrasqueiras e bancos próximos a CEU II. Outros, quadras de esporte, inclusive de basquete, e um grande número queria a retirada de quiosques e churrasqueiras de perto de suas janelas, o que pode ser compreendido na foto um e dois da figura 9. No período estudado pode ser observado os excessos ocasionados por sons altos vindos de caixas de sons conectadas a energia de alguns apartamentos próximos a quadra de vôlei que seguia tocando durante a semana mesmo em períodos de vésperas de provas de finais de semestre. Também carros com sons altos ficavam próximos aos quiosques e não se podia mais distinguir se eram de fatos moradores da CEU II ou estudantes oriundos da cidade. Em outubro de 2017 nas reuniões da Direção da CEU II optou-se pela proibição do uso dos quiosques mesmo em finais de semana.

Figura 10 – Foto de um exemplo de apartamento de um quarto para dois moradores

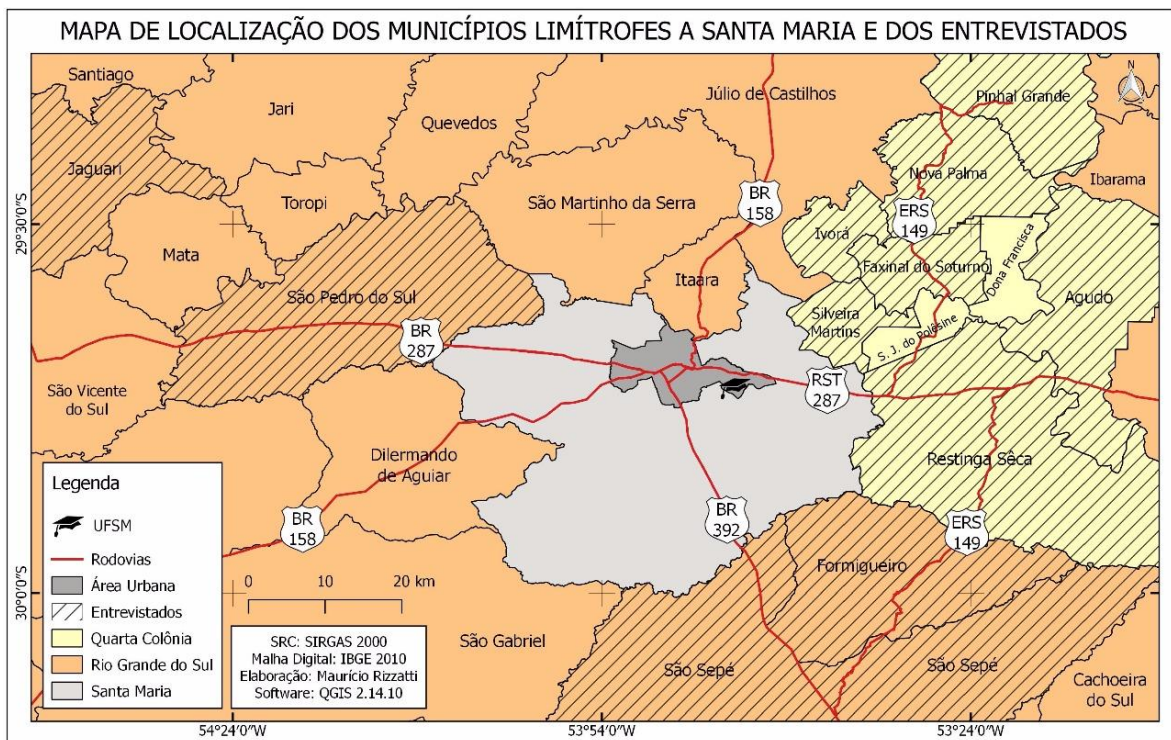


Fonte: Arquivo pessoal de 2014.

A Casa de Estudantes CEU II conta com quatro prédios e um quinto prédio estava sendo construído no período da pesquisa. Os dois primeiros, em sua quase totalidade, possuem apartamentos de dois moradores como ilustra a figura 10. Estes apartamentos cabem duas escrivaninhas e uma beliche que são emprestados pela instituição. A cozinha improvisada, mais sofá e eletrodomésticos ficam por conta dos alunos que ali residirem. Na parte direita há uma parede divisória que separa um pequeno corredor onde há um armário e uma pia. E a parede que divide possui um guarda-roupa embutido. Dá para ver na figura 10 um espelho refletindo a cama superior de beliche. Mais dados a respeito da moradia podem ser observados nas imagens do trabalho de MACHADO (2011).

A CEU II, além dos dois prédios de um quarto único para duas pessoas, possui dois prédios com apartamentos de três e dois quartos para seis e quatro pessoas na mesma ordem.

Figura 11 – Mapa que ilustra os municípios que circundam Santa Maria e dos entrevistados



Fonte: RIZZATTI, 2017

Os dois prédios, de apartamentos de quatro e seis pessoas que aparecem na foto da figura 1, em suas máximas potencialidades podem chegar a ter quatrocentos e vinte moradores cada. E os dois prédios mais próximos da Avenida Roraima, conforme ilustrado na figura 7, possuem a capacidade de trezentos e quarenta pessoas o da esquerda, e quatrocentos e dez pessoas o da

direita. Sendo que este último, no momento, outubro de 2016, tem um dos blocos em reforma. Cada prédio possui seis blocos, exceto o primeiro que possui cinco blocos.

Observa-se a proximidade das cidades que circundam Santa Maria conforme o exposto na figura 11. As cidades mais próximas a Universidade como Silveira Martins e São João do Polêsine, em horários de grande tráfego, possuem maior acessibilidade a Universidade, que alunos vindos do Centro de Santa Maria. São João do Polêsine fica a meia hora de ônibus da Universidade. E o acesso a Universidade fica ainda mais facilitado pelos alunos que dispõem de carros próprios. Há muitos carros estacionados nos espaços da CEU II, quando não pertencente a um morador, é de um amigo, namorado ou parente de algum ou alguma residente da CEU II. Desta forma os alunos estão integrados a uma socialização externa a Universidade, uma espécie de socialização regional. A expressão máxima de sua regionalização está nas festas organizadas no Centro de Eventos por alunos provenientes das áreas rurais.

Figura 12 - A possibilidade de acesso a veículos (duas fotos)



Fonte: 1- Arquivo pessoal de março de 2017; 2 – Arquivo pessoal de agosto de 2017

Os alunos da CEU II quando adquirem vínculo com o espaço da Universidade e da CEU II, devido a distância de suas residências familiares, correm o risco da segregação social caso haja uma falta identificação cultural com os outros membros que compõem o espaço. Muito diferente são os alunos que possuem pertencimento com o local. Não sentem pertencimento com o local físico, mas sim com sua rede social e cultural que dispõem. Estão libertos do espaço físico através de sua socialização, e diante qualquer cansaço acadêmico podem se recuperar indo para suas residências familiares em finais de semana.

Os moradores provenientes de regiões próxima a UFSM não criam vínculo de reciprocidade com o espaço CEU II, mas mantêm a fidedignidade de se formarem para profissões com ações que não são orientadas por uma socialização universitária, mas sim uma

socialização regional⁹. A organização espacial da Universidade favorece este fluxo através da Avenida Roraima. Ser um membro da Universidade é estar em constante idas e vindas através da Roraima, trazendo orientações e códigos culturais que não são construídas no espaço Universitário. E quanto mais distante da classe rural, mais distante dos polos de maiores imigrações deste espaço, mais difícil é convivência, mais dados serão apresentados no capítulo da análise dos entrevistados.

Outra reflexão fundamental é que o *habitus* (Bourdieu) que os alunos carregam de sua trajetória anterior pode contribuir de maneira significativa ou prejudica-los durante sua moradia para com os estudos, como saber se alimentar, saber se organizar, saber cuidar de si mesmos. Os mesmos *habitus* trazidos são conflitivos entre os moradores quando apresentam algum nível de pluralidade por origem de classe e regionalidade. Isso é tão presente que durante a pesquisa pude testemunhar pessoas que eram segregadas em suas próprias residências. Os formatos do espaço dos apartamentos maiores contribuem muito com a falta de socialização entre os próprios moradores, pois unem dois alunos nos lugares de uso privativo como quartos, ocasionando o estresse e dificultam a interação em áreas de uso coletivo como a cozinha por terem pequenas dimensões. A socialização entre os moradores da CEU II é fundamental para que os alunos possam pensar em ideias e projetos que possam resolver problemas comuns de moradores, como a reivindicação e posteriormente a realização (ocorrida em 2017) de uma lavanderia coletiva. Mas tanto o *habitus* acadêmico em formação que consome muito tempo como a cultura legitimadora trazida pelos alunos as vezes dificultam a aproximação entre os moradores que veem uns aos outros com distinção e estigma. Um morador da casa chegou a mencionar o seu desprezo por colegas que militavam e organizavam eventos de Direção Acadêmica do seu curso, insinuando que tais alunos fossem preguiçosos “que não queriam estudar”. E mesmo no trabalho de MACHADO (2012) é mencionado que um morador diz não compreender como muitos alunos encontram tempo para militância política sendo que ele mesmo não possuía tempo para nada além de estudar e trabalhar. Sejam quais forem os argumentos dados, os alunos que criticam as ações políticas também são aqueles que desfrutam posteriormente sobre as conquistas, também são os mesmos, muitas vezes que extrapolam os

⁹ No trabalho de MACHADO, Juciara (2012), é mencionado: “E mais marcante ainda, foi verificar que, pessoas de fora do contexto da CEU, tanto membros da comunidade acadêmica, como munícipes generalizam esta situação (sobre o conteúdo do relato de um morador a respeito de um aluna que chegava em casa embriagada derrubando coisas). Então “desviantes” passavam a ser a totalidade do espaço passado ou presente”. Os alunos de cidades próximas de Santa Maria estão familiarizados com a cidade e a Universidade, se integram com a cultura de Santa Maria, e tem plena consciência dos constrangimentos morais ocasionados pelos outsiders da CEU II.

limites da convivência como no caso dos usos dos quiosques para atividades festivas que causam desconforto por causa de som alto e gritaria.

Se o *habitus* (Bourdieu) de classe trazido pelos estudantes de uma socialização anterior à universidade, como higiene, autocuidado, saber cozinhar, limpar sua própria residência, saber cuidar de sua saúde, ser econômico ou gastador, que também se relaciona com a cultura regional legitimadora anterior a universidade, que vai dispor desta racionalidade e de recursos familiares condizentes ou não, interferir de forma positiva ou negativa com os estudos, também a socialização construída no decorrer do percurso acadêmico pode no conflito do dia a dia impor a adaptação a novas formas de condutas mais coerentes com uma vida de estudantes. Mas as relações sociais, do dia a dia da CEU II, não interferem diretamente nas inserções das atividades acadêmicas, estas dependem das redes de relações sociais extra CEU II.

Há capítulos posteriores que tratam das socializações dos estudantes e suas inserções nos espaços acadêmicos, mas antes de adentrar nestas questões gostaria de concluir esta parte relacionada as relações sociais sobre o espaço da CEU II, com uma pequena análise. Se todo o conjunto do campus da UFSM/ Camobi, tem seu espaço organizado no formato de Centros autônomos, estando cada parte da instituição alheia umas das outras, como é possível uma socialização universitária? Como criar uma socialização nova, a formação de um novo tipo de indivíduo, pautado por novo sistema de códigos que o torne sujeito no espaço institucional da UFSM? Se eu respondesse esta questão com base apenas na organização espacial, a resposta seria que a Universidade Federal de Santa Maria é de Santa Maria. Portanto, para compreender a conjuntura social e cultural da UFSM, precisaria compreender melhor a cidade de Santa Maria, dispor da possibilidade de ir e vir através da Avenida Roraima buscando os códigos e valores que não são construídos no espaço institucional, mas que permeiam todas as relações. Se o aluno não faz um curso aplicado, se não estagia, se o seu curso não está inserido no mercado, como isso é possível? É possível apenas se o aluno (a) tiver a possibilidade de consumir e acessar os comércios e serviços da cidade, se possuir dinheiro o morador (a) pode se integrar a Cidade através do consumo, desta forma a socialização universitária se dá através do consumo e de acessos a serviços, lazer e festividades. Estando, portanto, os alunos moradores da CEU II de origem regional próxima a Santa Maria com certa vantagem, que aprofundo melhor nas análises posteriores, enquanto os alunos moradores de poucos laços sociais e consequentemente de recursos encontram muitas dificuldades.

6 A SOCIALIZAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Socialização se forma a partir de relações sociais, e de partilhar ou compartilhar. Pode ser uma simples informação, um desejo de boa noite, uma comida ou mesmo o sentido da palavra por suas referências sociológicas desenvolvida na introdução, como a incorporação pelos indivíduos das regras e a expectativa do meio social. Todas estas coisas são socialização e nenhuma exclui a possibilidade das outras. Socialização e divisão social do trabalho formam partilhas, trabalhos compartilhados. Não existe produção sem socialização, pois mesmo em uma sociedade em que tudo se tornou mercadoria, para que houvesse trocas comerciais, haveria normas a serem seguidas que só poderia ser possível se seus membros tivessem códigos de entendimento comuns que só foi possível por uma socialização. Socialização e produção de conhecimento são quase pleonasmos. E é uma socialização mais generalizante, ou mais amplamente integradora que, através das suas formas, relações sociais, implica em “ações formadoras de *habitus*”, BOURDIEU e PASSERON (1989). A socialização que torna possível uma solidariedade, e exatamente neste sentido que me referirei neste trabalho. Enquanto uma socialização menos generalizante, mais particularizada, caberia seu sentido no conceito de relações sociais ou “sociação” de SIMMEL (1983).

A socialização na produção de conhecimento se refere principalmente a uma socialização acadêmica. A socialização acadêmica é a socialização dos alunos nos seus respectivos cursos e áreas de conhecimento. Que por sua vez se difere de uma socialização integrada ao contexto regional de Santa Maria, e se difere também de uma socialização Universitária. Estas duas últimas estão também associadas a produção de conhecimento, mas de modo diferente e indireto. Explicarei melhor no decorrer dos parágrafos.

Existem três formas de socialização na produção de conhecimento elaboradas para este estudo com finalidade de dar suporte empírico referentes ao campo da pesquisa, e para cada uma existem diversas “formas de sociação” (Simmel) de fazê-las:

A primeira forma de produção de conhecimento é aquela que produz credenciais. Ser técnico, ou tecnólogo, ser licenciado, bacharel, graduado, mestre, doutor, etc. Esta forma de produção se dá em sala de aula, na relação de ensino aprendizagem entre alunos, alunos e professores e professores com professores. Estas relações também ocorrem em laboratórios, oficinas, campos de pesquisa e em outros lugares. Esta é uma forma de socialização acadêmica.

A segunda forma de produção de conhecimento é aquela que produz conhecimentos novos e práticos. Conhecimentos novos apresentados na forma de uma inovação tecnológica. Conhecimentos novos a respeito de uma determinada realidade social, realidade histórica.

Conhecimentos novos a respeito de um achado paleontológico, conhecimentos novos a respeito da ação de um novo medicamento, ou tratamento alternativo, enfim, são conhecimentos relacionados à pesquisa e as tarefas técnicas. Esta forma socializadora de produção engloba a forma anterior e soma a ela outras relações sociais de produção, como a de aluno de um curso com aluno de outro curso, alunos de uma universidade com outra, aluno de um curso com professor de outro curso, entre professores de cursos diferentes e até universidades diferentes. Ocupam muitas vezes os mesmos espaços que a primeira forma de socialização na produção de conhecimento. Mas o que difere a segunda forma de socialização acadêmica da primeira é que enquanto a primeira forma produz conhecimentos básicos necessários para o título de formação e ocupa um largo espaço de tempo dos alunos, a segunda forma de socialização na produção é a que prova pela prática o título que o aluno receberá e aprofunda os conhecimentos da primeira forma. A segunda forma de socialização na produção exige improvisação, disponibilidade de tempo que compete com a anterior, autoafirmação do aluno, firmeza psicológica e emocional, disposição para constante aprimoramento. Esta é a segunda forma de socialização acadêmica.

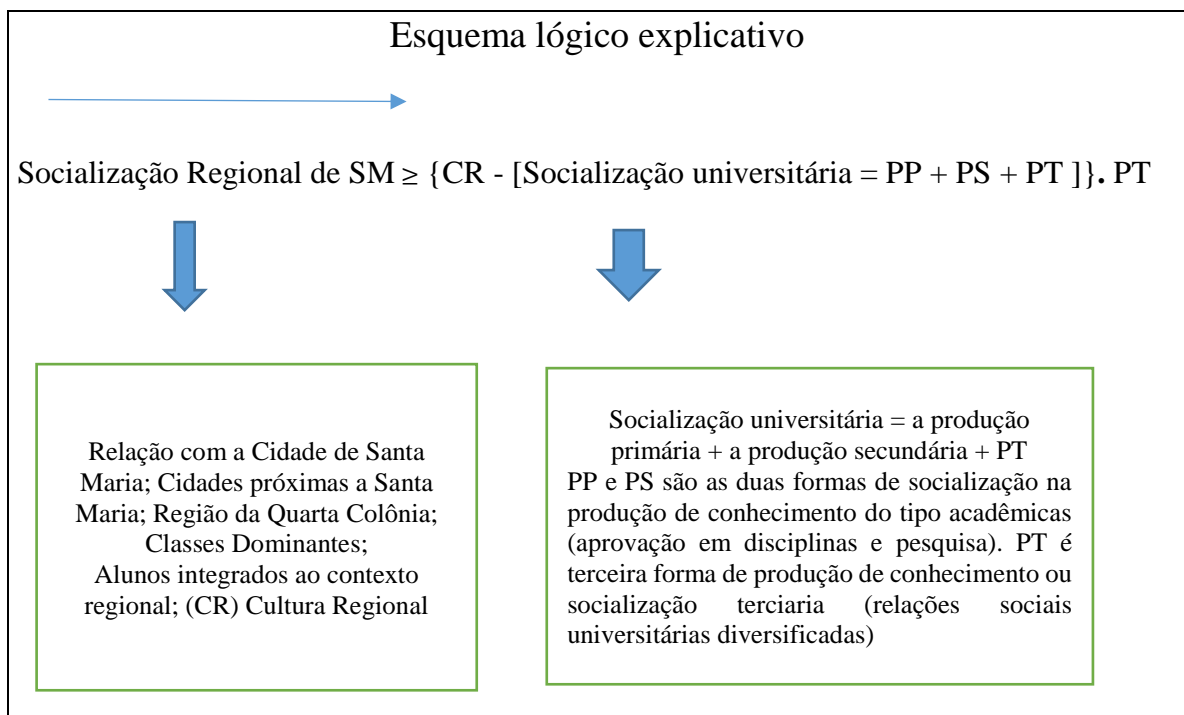
A terceira forma de socialização na produção de conhecimento é aquela que acontece com alunos, entre si, ou com quaisquer membros com vínculos institucionais servindo para produzir toda a informação útil necessária para a sobrevivência e reprodução da condição de estudantes universitários. Esta produção terciária se dá por laços sociais, relações sociais variadas. Esta forma acontece em todo lugar onde estudantes dialoguem entre si, com funcionários da universidade e professores. Esta forma de produção ocupa um espaço mais abrangente e informal, engloba e torna possível as formas de produções anteriores e pode abranger um espaço extra institucional. E nesta relação social de produção de conhecimento que se intensifica o processo de socialização secundária tipicamente universitária onde alunos ficam sabendo de assuntos institucionais, vagas de bolsas, ofertas de empregos, ofertas de serviços úteis dos mais variados, dos tipos institucionais ou não. Aprendem uns com os outros, alunos veteranos com alunos calouros, alunos com técnicos e alunos com professores.

É numa dinâmica de produção, onde todos os envolvidos com a instituição são produtores de conhecimentos, em um processo que se dá de forma dialógica que todos saem ganhando. Quanto maiores os espaços de terceira forma de socialização de produção de conhecimento e mais agregadores forem por um processo de “conteúdos da socialização”, SIMMEL (1983), próprios de cada envolvido nas diferentes formas de socialização que ocorrerá uma socialização secundária geral institucional, ou universitária. Mas no caso do objeto escolhido me inclino a retratar o caso da condição de estudante universitário, pelo qual a propagação da informação facilitaria a formação de uma socialização universitária e acadêmica, logo uma boa formação.

Esta forma de produção de conhecimento compete por tempo com as outras anteriores. Elas ocupam os espaços onde os alunos trabalham, como nos departamentos e o Hospital Universitário (HUSM). Ocupa também os espaços de quadras de esportes, áreas de lazer, sites de relacionamento, restaurantes, lanchonetes e bares, residências inclusive os apartamentos da CEU II. A esta forma de produção de conhecimento, dá-se também através de uma socialização regional. Através de redes sociais locais, os alunos dispõem de amparo que facilita suas inserções. Esta forma de produção se dá por uma socialização mais abrangente, menos particularizada, em centro de ensino ou departamento. E interpenetra as duas formas de produção anteriores, onde os alunos por afinidades de vínculo de classe e conterraneidade se sobressaem e suplantam a socialização universitária.

Caso o excessivo uso do termo “socialização” não deixe claro o que pretendi expor até aqui, apresento a seguir um esquema lógico ilustrativo que resume o que foi dito neste último capítulo:

Figura 13 – Esquema lógico explicativo com base nos conceitos desenvolvidos



Fonte: Resumo explicativo ilustrativo desenvolvido para este capítulo, 2017. Elaboração: O Autor

Deve-se levar em conta neste esquema ilustrativo que a produção terciária diz respeito a todas as formas de interação social que não sejam do tipo de PP ou PS, que integre alunos com outros membros da universidade, principalmente alunos, interagindo com alunos. A PT é a fronteira entre a socialização universitária e a socialização regional de Santa Maria, sendo que

está última tende a suprimir a primeira. Enquanto as relações sociais universitárias se somam para formar a socialização universitária, a cultura regional que lega aos alunos laços pré-formados e afinidades multiplica possibilidades de inserções sociais institucionais ou não através do elo produção terciária.

As três formas de produção competem por tempo entre si, embora às vezes os conhecimentos produzidos em uma das formas socializadoras de produção auxiliem e diminuam o tempo gasto em outras. A produção de conhecimento não produz apenas conhecimentos de forma abstrata, pelos códigos e signos que somente iniciados poderiam compreender, ela produz materiais concretos em forma de tecnologias e artigos científicos que tornam acessível o conhecimento para a comunidade em geral. Desta forma todo material lido e rabiscado, comentado, resumido, resenhado, vai pouco a pouco se tornando matéria trabalhada para a segundas formas socializadoras de produções futuras, pesquisas ou trabalho prático. Isso é um conhecimento precioso que custa caro aqueles que não percebem, e muitos não percebem. Então o conhecimento da primeira forma socializadora de produção corre sempre o risco de ser expurgado em forma de prova para tornar-se grau legítimo de conhecimento adquirido através da aprovação em disciplina. E após expurgado em forma de prova podem facilmente caírem na “geleira” do esquecimento, onde poderia ser também competência adquirida em forma de matéria trabalhada. Matéria esta que significa ganho de tempo para produções futuras. Então os alunos que não observam que o tempo de produção de conhecimento primário toma um grande tempo da formação, correm o risco de não conseguirem ao tempo final da graduação se tornarem bons pesquisadores quando o tipo de curso exige.

Existem indicativos dos alunos terem um bom desempenho acadêmico: Na forma de socialização na produção de conhecimento primária ou acadêmica seriam boas notas, na secundária também acadêmica seria publicações, participações em projetos de pesquisa, apresentação de congressos e simpósios, e na terceira forma socializadora de produção de conhecimento seria ter boas relações sociais que tragam oportunidades e entendimentos que tornam possível diretamente e indiretamente as anteriores. Na hipótese deste trabalho os alunos que tiverem maior mobilidade pelo espaço universitário terão maiores chances de bom desempenho, pois terão maiores informações e clareza do espaço universitário. E para tal medição analisarei apenas os últimos dois indicativos.

7 A SOCIALIZAÇÃO NO ESPAÇO PRODUTIVO PELO TEMPO UTILIZADO

Foi elaborado para este estudo duas formas de compreensão no processo de produção acadêmica que influenciam no tempo: A primeira diz respeito a interpretatividade objetiva¹⁰ (I.O); e a segunda é a que concebe uma interpretatividade não objetiva, não necessariamente subjetiva, mas sim relativa¹¹ (I.R). A primeira forma de interpretatividade (I.O) é aquela que conecta o conteúdo que procura compreender com o contexto material ou real. Corresponde às ciências empíricas e as aplicadas, grande parte das vezes associadas às ciências idiográficas e naturais. A interpretatividade relativa (I.R), compreende os objetos através de leis gerais, fenômenos recorrentes, classificações dedutíveis. Está associada às ciências que quando definidas em proposições têm em seus predicados a inexistência, ou a diminuição de advérbios e adjuntos. E para se fazerem clara, as ciências I.R tendem a reduzir ou minimizar o real, por isso, na maioria das vezes os sujeitos cognoscentes graduandos a compreendem exclusivamente de forma abstrata, através das regras da lógica e circunscrita ao campo de sistemas formais, e campos teóricos, parcialmente vinculado aos diferentes campos da realidade dependendo sempre da perspectiva de cada observador. As ciências de interpretatividade relativa são compostas pelas ciências conhecidas como nomotéticas¹², muito embora às vezes aparecem juntamente com ciências idiográficas e hermenêuticas em áreas mistas.

Há ciências mistas¹³ quando há tanto cursos que possuem áreas nomotéticas e idiográficas, quanto cursos que fundem ciência ideográfica com nomotética. Também quando ciências puras se intercambiam com ciências aplicadas. As ciências mistas são divergentes quando isolam compreensões objetivas das não objetivas. Quando uma área se desprende completamente da outra, geralmente verificado em disciplinas que agrupam conteúdos gerais

¹⁰ Com base no pensamento de Kant em *Crítica da Razão Pura*, a “interpretatividade objetiva” seriam ciências que seus juízos fossem sintéticos *à posteriori* e analíticos *à priori*. Ex, na mesma ordem: “o céu estava cinza no natal de 2015, em Belém do Pará, no Brasil” e “um quadrado tem quatro lados e quatro ângulos”. São duas proposições objetivas, a primeira precisa ser averiguada por terceiros e imagens, enquanto a segunda é um juízo universal a qualquer pessoa consciente.

¹¹ De modo diferente da interpretatividade objetiva, a interpretatividade relativa foi elaborada para significar os juízos sintéticos *à priori* que são todos dependentes de experiências sensíveis anteriores nos indivíduos. Deste modo, é o que torna possível as diferenças de grau, nível e tempo de aprendizado entre os estudantes.

¹² De acordo com VILARINHO (2015), em seus estudos sobre as ciências sociais, enquanto as ciências idiográficas tratam do particular, singular e o materialismo dos fatos, as ciências nomotéticas tratam dos conceitos abstratos, nomenclaturas que designam classificações gerais que ignoram pequenas diferenciações.

¹³ O dualismo, nomotético/idiográfico, é puramente formal, entende com fins do conhecimento, que num caso procura a lei geral, noutra o acontecimento histórico, particular, nada tendo, pois, que ver com o conteúdo do conhecimento em si. O mesmo objeto pode sujeitar-se licitamente tanto à investigação nomotética como idiográfica, sendo, por consequência, relativo o contraste entre o que é sempre idêntico e o que é único e individual. (BONAVIDES, 1976, apud VILARINHO, 2015. P. 56).

que são desarticulados de uma compreensão objetiva, ou que dos conteúdos gerais não objetivos não se possui uma referência clara do que se trata em relação ao real. Gostaria de chamar atenção nesta parte que o processo de produção, por viés institucional corresponde principalmente a primeira forma de produção acadêmica. Estou me referindo ao processo de ensino aprendizagem e inculcação e formação de *habitus*. Ou seja, interpretatividade e entendimento, não o produto final que é a pesquisa. Deste modo, ciências objetivas tendem a uma compreensão clara.

Há também dois modos práticos no processo produtivo de conhecimento que influenciam no tempo as três formas de socialização na produção de conhecimento: São os modos de maior objetividade prática, chamaremos de “+ P”, e de menor objetividade prática, chamaremos de “- P”. A objetividade prática é um conjunto organizado de ações que visam eficiência de resultados técnicos. As ciências de compreensão ou interpretatividade objetiva geralmente estão relacionadas a objetividade prática. A menor objetividade prática está associada geralmente a compreensão não objetiva. Porém não é regra. Em muitas disciplinas de compreensão não objetiva, a objetividade prática corrige e converge as referências cognoscitivas à compreensão do objeto que se fazia até então não objetivo. Caso isso não ocorra, pode ser que seja por discordâncias do “conteúdo das amarras psíquicas” dos sujeitos cognoscentes envolvidos sobre o resultado da ação prática. São quase sempre por causa dos resultados obtidos compreendidos na suposta realidade em função da técnica.

Assim combinando todas as formas pode-se ter como exemplo: interpretatividade objetiva e objetividade prática em algumas áreas das ciências humanas; I.O e + P em algumas disciplinas das ciências naturais; I.R e +P nas ciências humanas e sociais assim como I.R e -P na mesma área. E em todas estas áreas citadas como exemplo, deve-se considerar a possibilidade mista. O tempo de produção é determinado pela combinação destas quatro formas. As disciplinas de entendimento objetivo e prático tendem a ser compreendidas mais rapidamente.

Os cursos que há maiores amarras psíquicas ao “conteúdo da sociação” tendem a interferir negativamente nos modos de produção +P. Os cursos voltados há uma orientação prática, isto é, + P, tendem a libertar-se do “conteúdo das amarras psíquicas da sociação”. Desta forma os cursos de + P se orientam pelas “formas da sociação”. Evitando de ser pedante, e recorrer demasiadamente as contribuições da teoria Simmel, gostaria de lembrar que as “formas de sociação” no meu modo interpretativo seriam aquelas que orientam instituem os processos práticos que darão a “ação pedagógica” o poder da formação do *habitus*” pela inculcação, conforme já citado.

O “conteúdo da sociação” relativamente comum na academia é o status de científico. Para tal, este conteúdo deve ter como valor a neutralidade científica ou imparcialidade, e sua

técnica deve ser aberta ou transparente e documentada em cada passo. Cursos demasiadamente orientados pelas formas instituídas ou +P tendem a diminuição crítica avaliativa dos trabalhos produzidos quando afastados da I.R. Cursos demasiadamente de I.R tendem a engessar a possibilidade criativa empírica das pesquisas tornando-se -P.

Quando há sociação a uma forma instituída de saber ou determinado curso busca-se realizar os conteúdos próprios nas formas de ensino. E há alguns exemplos que isso não ocorre. Durante a pesquisa algumas pessoas me relataram que vieram para realizar suas aptidões (conteúdos) para saberem ensinar, serem educadores, pedagogos. Pude observar que para tal realização mudaram de curso. Cada curso possui um programa com um determinado conteúdo original que se idealiza, mas na prática, nas formas pelas disciplinas resultam em conteúdos secundários ou reais diferentes do idealizado que o sociado buscava.

Nas áreas mais engessadas das humanas, esquecemos de levarmos em conta que para 4h aula, onde ocorre a socialização no processo do saber, há de 8 a 10h de não socialização aproximadamente, com leituras e anotações para um preparo de seminário quando apresentado pelo aluno. Deste modo, cumprindo, hipoteticamente, com honestidade as tarefas das disciplinas, considerando apenas 120h que equivalem a duas disciplinas o aluno precisaria 4h para cada uma de preparo distribuídos em dois dias por semana, sem contar o tempo de estudo para avaliações. E a falta de experiência em redação podem fazer 30h de artigo virarem 50h. Falta de experiência e falta de técnica em diversas tarefas acadêmicas é vivenciada pelos graduandos em muitas situações. Desse modo que alunos que possuem maior mobilidade no espaço universitário podem trocar experiências pelos vínculos com diferentes formas de saberes e assim superarem as deficiências individuais encontradas nos seus cursos. Seria um ganho que ocorreria através do mesmo mecanismo de uma terapia de grupo, ver-se através do outro, corrigir desvios, apreender a experiência do outro. Por fim formar uma socialização universitária.

Então é desta forma, que algumas áreas excessivamente “conteudistas”, ou seja, que vinculam inconscientemente os conteúdos das amarras psíquicas às preferências por teorias, os teóricos, as grandes escolas, as tradições acabam por se tornarem menos práticas. Repudia-se a prática. O real promove o desencantamento do objeto que antes se supunha ideal. Como consequência, os conflitos valorativos e ideológicos que estão nos fundamentos das disposições psíquicas dos sociados forçam movimentos centrípetos na socialização que ocasionam bloqueios criativos que com muita dificuldade são superados.

Também ocorre que em determinados cursos a primeira forma socializadora de produção de conhecimento possui um tempo estendido de preparo individual que toma um grande tempo

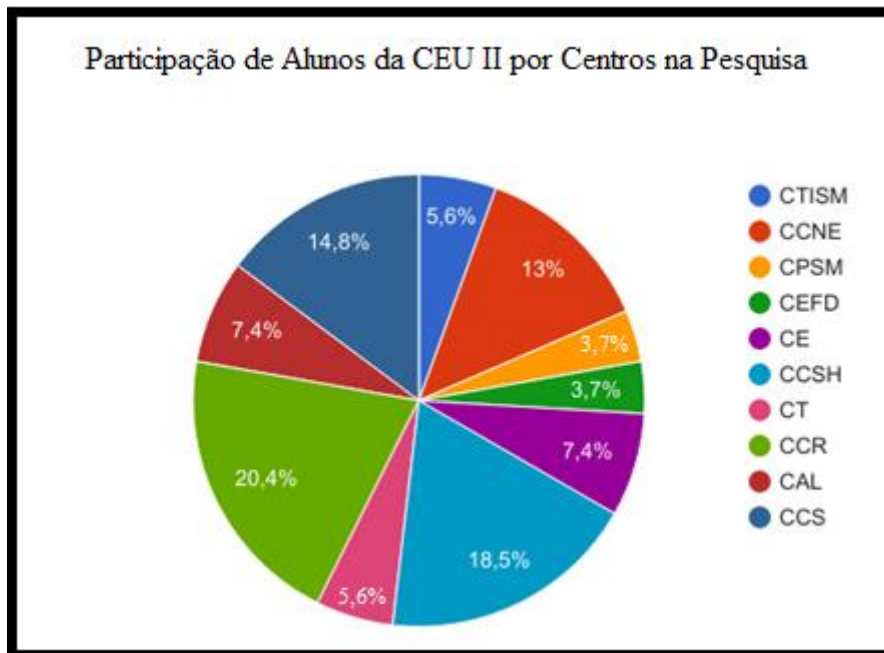
e que reduz contatos sociais. E não é dessa forma instituída de aprender que o aluno encontrará respostas suficientes para a segunda forma socializadora de produção acadêmica. Também não é na segunda forma socializadora de produção acadêmica que o aluno terá todas as respostas que necessita, mas sim no todo rico conjunto de capital humano que existe na universidade ou fora dela, que inclusive pode ser através deste amplo capital humano que aprenderá macetes que podem ajudar a simplificar a sua primeira forma socializadora de produção acadêmica (PP).

Sem querer menosprezar áreas de conhecimento, seria o ideal equilibrar a interpretação objetiva (empírias) com a interpretação relativa (teorias), e trazer o conhecimento para a matéria pela objetividade prática (técnicas e aplicações práticas). E me parece que alguns cursos de maior objetividade prática caem em uma espécie de pragmatismo e colecionam trabalhos inúteis, conforme as queixas dos entrevistados que apresentarei posteriormente.

8 DADOS GERAIS DOS ENTREVISTADOS

Os dados do gráfico 4 refletem a proporção conseguida de estudantes moradores da CEU II por Centro.

Gráfico 4 – Alunos pesquisados conforme seus cursos



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Não há como se fazer generalizações de características destes alunos a partir de seus Centros dado que não há participação de todos os cursos na entrevista. Deve se levar em conta

que os alunos da CEU II compõem um pequeno grupo de estudantes em torno de 1 mil e 300 (2016) estudantes enquanto os estudantes totais da UFSM de Santa Maria compõem um número de cerca de 18 mil.

Através dos dados conseguidos a proporção não reflete com precisão a participação dos alunos por Centro, mas se aproxima o suficiente para que se possa tirar algumas conclusões desde que estas tenham por base o complemento da observação participante. Os dados a seguir foram transcritos de quadros formados pelo SPSS e corresponde ao gráfico anterior, são apresentados literalmente para economia de espaço, e estão transcritos conforme os questionários, nem sempre representam o nome correto dos cursos. Arquivologia 3 alunos; Agronomia 3; Bacharelado em Filosofia 1 e Filosofia 1; Ciência da Computação 1; Ciências Biológicas 1; Ciências Econômicas 1; Ciências Sociais Bacharelado 1; Comunicação Social - Publicidade e Propaganda 1; Comunicação Social - Produção Editorial 1; Desenho Industrial 1; Educação Física 2; Engenharia Civil 1; Engenharia Elétrica 1; Farmácia 1; Geografia Bacharelado 1; Geografia Licenciatura 3; Geoprocessamento 1; Letras Bacharelado 1; Letras Espanhol 2; Letras Português 1; Licenciatura em Teatro 1; Medicina Veterinária 2; Meteorologia 1; Pedagogia 1; Química em Licenciatura Plena 1; Redes 1; Serviço Social 1; Teatro 1; Técnico em Agropecuária 1; Técnico em Eletromecânica 1; Tecnologia em Alimentos 2; Tecnologia em Geoprocessamento 1; Tecnologia em Redes de Computadores 1; Terapia Ocupacional 6; Zootecnia 3. Total 54.

Gráfico 5 – O ano de ingresso que os entrevistados citaram



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Os graduandos do CEU II matriculados no ano de 2013 conferem a minha maior rede de relações sociais onde pude tirar proveito para a coleta de dados, também que através de alunos que ingressaram em 2013, obtive questionários preenchidos de outros moradores dos quais tinha dificuldades de me aproximar, restando um menor número de coletas aleatórias que consegui.

No trabalho de PEIXOTO e EGREJA (2012), sobre o processo de obtenção de emprego dos imigrantes brasileiros em Portugal, verificou-se a importância dos laços fracos para a obtenção de empregos. Os autores utilizam-se das categorias de laços fracos e laços fortes. A primeira refere-se a rede de relações que incluem amigos não íntimos e pode se adicionar, no caso do estudo dos autores, os portugueses. Já os laços fortes dizem respeito aos amigos íntimos e familiares que tornam o recurso de relações sociais muito densas e fechadas dificultando a propagação de informação. Nesse trabalho também se observou que conforme o tempo passava os brasileiros expandiam suas redes de relações, aumentavam seus laços fracos e com isso adquiriram maiores possibilidades de arrumarem empregos mais qualificados.

No caso desta pesquisa, os amigos feitos durante o alojamento provisório do União Universitária correspondem sucessivamente na maioria dos casos com a categoria de redes de relações conhecida por laços fracos. No momento (dezembro de 2016) o Campus da UFSM possui dois alojamentos provisórios, o primeiro já mencionado corresponde a União Universitária e o segundo mais recente fica no Centro de Eventos da instituição improvisado em um dos estabelecimentos que outrora se utilizava para eventos institucionais programados por diversos cursos. Este segundo alojamento fora iniciado a partir de 2016.

Com o passar do tempo na instituição os alunos vão se integrando de acordo com o formato do espaço. Perdem o apoio da ampla rede de relações que possuíam nos alojamentos provisórios para disporem de micro agrupamentos, que se dão por afinidades e moradias. E isso é inversamente proporcional ao estudo de PEIXOTO e EGREJA (2012). Se antes conviviam diariamente com 80 alunos de diferentes cursos, após o ingresso nas moradias do CEU II passam a conviver a cada dia com menos pessoas até restarem cinco ou seis amigos íntimos de laços fortes. Em contrapartida aqueles alunos oriundos de cursos do tipo aplicado, de objetividade prática possuem vínculos em atividades de curso de maneira ampla e intensiva fazendo-os a manter uma rede de laços fracos extra CEU II, mais precisamente uma socialização acadêmica.

A tabela de dados cruzados a seguir ilustra as respostas dos entrevistados acerca da socialização e interação que possuíam no tempo que estiveram residindo na União com a

socialização e interação que acreditavam possuir no momento da entrevista. Verificou-se que a maioria dos alunos iniciaram suas redes de relações com média interação e se mantiveram assim. O tempo não foi suficiente para que ampliassem suas redes de relações sociais. Deste modo, considerando a ampliação dos contatos sociais inevitáveis ao longo da jornada acadêmica, para que se mantivessem as mesmas medidas seria necessário que perdessem contatos com laços fracos na medida que ganhassem outros. Assim a terceira forma de produção de conhecimento é inerte conforme o engendramento institucional de espaço e tempo. Ou seja, a socialização universitária se esbarra nas possibilidades de mobilidade no espaço universitário em função do tempo que o modo de produção acadêmica confisca. Estas observações podem ser averiguadas no quadro número um na sequência.

Quadro 1 - O grau de interação social dos entrevistados residindo no União *versus* o grau de interação e socialização que possuíam no momento da entrevista

Como você considera o grau de interação e socialização que possuía na União?	Como você considera hoje o grau de interação e socialização que possui?					Total
	Pouco	Médio	Muito	Não tenho	Não respondeu	
	0	0	0	0	0	32
Pouco	4	4	0	1	0	9
Médio	2	17	2	1	0	22
Muito	3	2	3	0	0	8
Não interagiu	1	0	0	0	0	1
Não estive na União	1	4	3	0	0	8
Não respondeu	0	0	0	0	6	6
Total	11	27	8	2	6	86

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

E posterior ao quadro, o gráfico 6 ilustrará as relações percentuais de alunos que declaram ter passado pelo alojamento provisório em sua trajetória de inserção como moradores da CEU II.

Gráfico 6 – Proporção de alunos que passaram por alojamento provisório



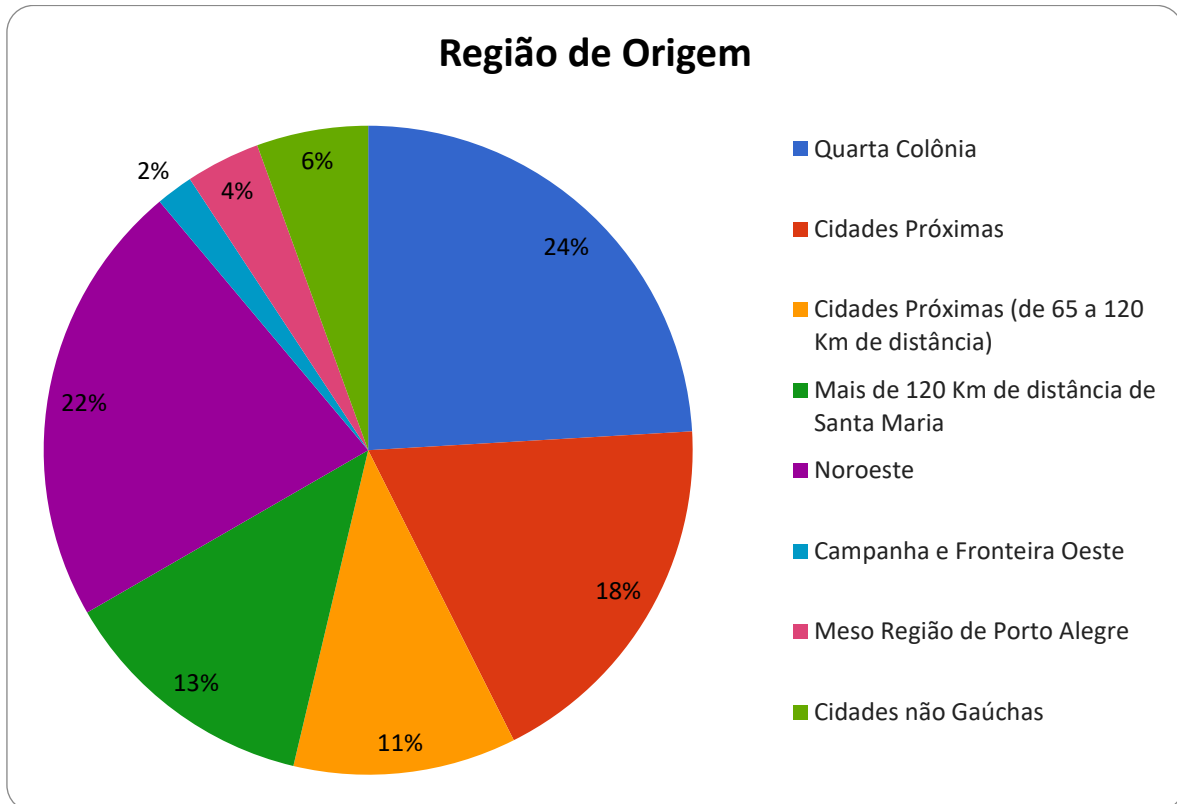
Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

A maior parte dos alunos reside nos alojamentos provisórios nas primeiras semanas de ingresso na instituição podendo ficar mais de um ano aguardando vagas na CEU II. A pergunta se pautava pelo alojamento provisório do União porque no momento da pesquisa recém era inaugurado o novo alojamento no Centro de Eventos. Isso devido à expansão recente do sistema SISU, que exclui o vestibular e tornou a universidade pública mais acessível às classes menos favorecidas aumentando ainda mais a importância da assistência estudantil bem como os gastos sociais na educação pelo governo.

Os alunos que conseguem vaga na CEU II sem antes passarem pelos alojamentos o fazem por já possuírem redes sociais no espaço CEU II, muitas vezes parentes e amigos que ingressaram nos anos anteriores.

O gráfico 7 foi organizado conforme os dados dos entrevistados. Quero dizer com isso que existe muitos moradores na CEU II que vieram de diversas regiões que não consta nas categorias, pois a estes moradores não tive oportunidade de coletar seus dados. Inclusive existem moradores indígenas na CEU II que não foram contabilizados. Portanto, as categorias correspondendo a 6% a menores que estas, podem corresponder a uma categoria única geral de alunos de regiões variadas ou outras regiões.

Gráfico 7 – Região de origem dos moradores entrevistados



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

A seguir um resumo dos dados declarados a respeito das cidades de origem dos estudantes moradores da CEU II:

- ❑ Quarta Colônia: Restinga Seca 3; Agudo 4; Silveira Martins 1; Ivorá 1; Nova Palma 1; Faxinal do Soturno 1; Pinhal Grande 1 e Santa Maria 1. Total 12 (Santa Maria embora não pertença a Quarta Colônia foi contabilizado junto por ser mais próxima a Quarta Colônia. O aluno dizia ser natural de Santa Maria, mas para que tivesse o direito de Moradia ao CEU II, supõe-se que viera de outra cidade, e é muito provável que seja de alguma cidade próxima).
- ❑ Cidades Próximas não pertencentes a Quarta Colônia: Formigueiro 2; São Pedro do Sul 1; São Sepé 4; Jaguarí 3. Total 10.

- ❑ Cidades de 65 KM a 120 KM de Santa Maria (Não pertencentes a região da Quarta Colônia): Paraíso do Sul 3; Toropi 1; Júlio de Castilhos 1; São Vicente do Sul 1. Total 6.
- ❑ Meso Região de Porto Alegre: Porto Alegre 1; Butiá 1.
- ❑ Mais de 120 KM de distância em relação a Santa Maria: Arroio do Tigre 1; Teutônia 1; Bom Retiro do Sul 1; São Gabriel 1; Encruzilhada do Sul 2; Tapejara (Região Norte) 1. Total 7.
- ❑ Fronteira Oeste: Alegrete 1.
- ❑ Cidades Não Gaúchas: Poá-SP 1; Saudades-SC 1; ACIA- Fora do Brasil, (não claro).
- ❑ Noroeste: Palmeiras das Missões 1; Ajuricaba 2; Três Passos 2; Cerro Largo 2; Alecrim 1; Santo Cristo 1; Roque Gonzales 1; Jóia 1; São Luis Gonzaga 1. Total 12.

Cidades da Quarta Colônia, mais Cidades Próximas não pertencentes à mesma, e somando ainda cidades de até 120 KM, temos um total de 29 cidades das 54. A maior parte dos moradores da CEU II são, conforme pode ser observado em 2016, provenientes de cidades próximas de Santa Maria, da região da Quarta Colônia (cidades de colonização italiana) ou municípios próximos.

Outro grupo de forte influência neste espaço são alunos provenientes da região Noroeste do RS. Os alunos moradores da CEU II possuem como característica geral serem oriundos de cidades pequenas, na maioria das vezes cidades de economia agrícola e de comércios e serviços, sem ou pouca presença da indústria.

Quando perguntado sobre a profissão dos responsáveis pela criação confirmaram a perspectiva de filhos de agricultores, conforme o quadro 2 e 3 na sequência. Quando os estudantes responderam a respeito das profissões de seus responsáveis, colocavam muitas vezes a profissão no plural, aposentados, agricultores. Ou respondiam apenas a profissão de um único responsável que trabalhava. Dividi os dados conforme o gênero, figura paterna (pai, avô, tio etc.) e figura materna (mãe, avó tia) e adaptei as respostas para uniformidade, por exemplo “agricultor (a) ”.

Quadro 2 – Profissão dos responsáveis pela criação (figura paterna)

	Frequency	Percent	Cumulative Percent
Agricultor(a)	29	33,7	70,9
Aposentado(a)	3	3,5	74,4
Atendente	1	1,2	75,6
Autônomo	1	1,2	76,7
Caminhoneiro	1	1,2	77,9
Eletrecista	1	1,2	79,1
Fiscal de Transporte Urbano	1	1,2	80,2
Gerente de exportação e importação	1	1,2	81,4
Marceneiro	1	1,2	82,6
Mecânico	2	2,3	84,9
Montador de Móveis	1	1,2	86,0
Motorista	1	1,2	87,2
Não respondeu	7	8,1	95,3
Pecuarista	1	1,2	96,5
Pedreiro	1	1,2	97,7
Tratador de Animais	1	1,2	98,8
Vendedor ambulante	1	1,2	100,0
Total	86	100,0	

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Embora exista representantes de diversas classes residindo na CEU II, não somente pelos dados que dispus, mas também no que pode ser observado, pode-se concluir a hegemonia cultural dos filhos de agricultores. Este é um forte indicativo que sustenta a escolha destes alunos, na maioria das vezes nos cursos das áreas rurais como já se havia constatado através dos dados disponibilizados pela PRAE. Não somente a escolha dos cursos, mas a sociação destes alunos nas suas supostas atividades culturais, percebida nos espaços institucionais como as festas no Centro de Eventos: “Batataço e Pega Cria”, amplamente divulgada com carros de som em frente ao União Universitário. Estas festas servem de referência para outras festas na Universidade.

Quadro 3 - Profissão dos pais ou dos responsáveis pela criação (figura materna)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Agricultor(a)	20	23,3	23,3	60,5
Aposentado(a)	3	3,5	3,5	64,0
Assistente Social	1	1,2	1,2	65,1
Conselho Tutelar	1	1,2	1,2	66,3
Cozinheira	1	1,2	1,2	67,4
Diarista	1	1,2	1,2	68,6
Dona de Casa	10	11,6	11,6	80,2
Empregada Doméstica	5	5,8	5,8	86,0
Faxineira	1	1,2	1,2	87,2
Funcionária pública	2	2,3	2,3	89,5
Não respondeu	9	10,5	10,5	100,0
Total	86	100,0	100,0	

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

O espaço entre a Direção da Casa de Estudantes e o União Universitário é onde coisas interessantes acontecem. Há reuniões de militantes de esquerda tentando envolver os restantes dos alunos que por ali passam. Sempre há alguma coisa acontecendo no hall do União, mas na maioria das vezes coisas exóticas, é comum ver o ambiente decorado e alguma música tocando, e mais recentemente uma pessoa ao qual tive proximidade organizou uma oficina de xadrez, algo que parece comum em uma universidade, mas aqui havia sido novidade.

Os grupos majoritários de alunos imigrantes de regiões próximas, e depois alunos da região noroeste correspondem até o momento as principais redes de laços que não é muito claro definir, se são laços fortes ou fracos, e é muito provável que seja um pouco dos dois. Isso porque há um fluxo natural entre estes alunos que partilham sua conterraneidade, seus códigos culturais e a informação parece circular bem entre eles e manter-se fechada neles. Deste modo que esta regionalização que compõem o espaço transfere sua socialização regional para sua experiência de socialização universitária, participam também as classes sociais de jovens de classe rural oriundas de outras regiões por afinidades com os mesmos¹⁴.

¹⁴ No trabalho de MACHADO (2012), “é mencionado que alguns alunos achavam abuso os gritos de confraternização de alguns “agro-boys” por não partilharem dos mesmos *habitus*”. “É claro”! (O Autor): Se não tivesse visto, durante o tempo que residi na CEU, jovens comendo churrasco, bebendo e gritando sem parar, tocando acordeom de músicas nativistas gaúchas e músicas sertaneja universitária “jamais saberia” que eram

Se os alunos da Casa de Estudantes são outsiders¹⁵ no contexto Santamariense, os alunos das regiões mais industrializadas do Estado e do Brasil, juntamente com indígenas e estrangeiros são as minorias dentro da CEU II, embora os indígenas contem com uma maior proteção institucional. Sendo assim há apenas superficialmente uma pluralidade de significados sobre o pertencimento ao espaço CEU II e de cursar determinados cursos. São confundidas pelas multiplicidades de identidades afirmadas pelos moradores, como identidade homo ou bissexual, militante de movimento negro ou feminista. Neste ponto tento responder a indagação anterior sobre o trabalho de MACHADO (2012) sobre: quais seriam os significados simbólicos nas representações do espaço da CEU II? E sucessivamente o que é sugerido como o espaço sendo um produto cultural carregado de sentidos e interatividades. As indagações só podem ser compreendidas nas relações sociais que extrapolam os limites do espaço da CEU II interpenetrando redes regionais e de classe. Desse modo pode ser observado neste espaço subdivisões internas de todos, brancos, negros, homens, mulheres e homossexuais ou heteros por redes hierarquizadas de distinções que se baseiam no significado regional do status de suas representações, de determinados cursos, por perspectivas de classes, pela força de menor ou maior número de membros de uma mesmo micro regionalidade, sendo que todos estes se fundem primeiro na variável de proximidade a Santa Maria, depois ser ou não membro oriundo da classe de agricultores. Assim os residentes tidos como mais antigos, “os estabelecidos”, que são os próprios alunos provenientes da região Central de Santa Maria que irão determinar através de “redes de fofocas”, NOBERT (2000), os significados das representações sobre o espaço, compondo eles mesmo as duas variáveis citada anteriormente.

As redes de socialização que se estendem a qualquer espaço institucional ou não, desde que tenham membros da Universidade contam com a influência de outros grupos extra CEU II. O primeiro grupo relacional é formado por Professores, representam a classe social no topo hierárquico na Universidade Pública. Os alunos não se sociam (SIMMEL) com professores, mas sim com determinadas áreas de estudo e assim automaticamente se relacionam com professores destas áreas de interesse. O segundo grupo é formado por técnicos e funcionários administrativos. A influências deste grupo é grande. Lembro o relato de um morador da CEU II que parecia defender o posicionamento do CPD contra a ampliação do acesso de internet para a

estudantes das rurais.

¹⁵ No estudo de NOBERT, Elias (111 P 20) é destacado que “os residentes mais antigos, os estabelecidos, recusam contatos sócias com os recém-chegados (outsiders). E através das fofocas elogiosas para seus próprios membros, e depreciativas para os de fora exibiam seu controle social”. MACHADO (2012), fala de preconceitos vividos dos alunos pelos residentes da cidade, mas isso oculta o fato da maior parte dos moradores estar integrada a micro regionalidade de Santa Maria, sendo eles mesmo contribuintes e pactuantes da discriminação.

CEU II, esquecia este aluno bolsista do CPD que ele também era um morador da CEU II. Não creio que o posicionamento do CPD era unânime, ou que ainda se mantém a respeito da internet na CEU II. Há o grupo formado pelos alunos nativos de Santa Maria, este grupo tem suas próprias divisões que não é possível compreender sem uma pesquisa própria. Mas é o grupo dominante no espaço institucional extra CEU II, pois possuem a maior rede de relações sociais beneficiando-se com isso de diversas formas de auxílio mútuo. E por fim o último grupo de influência são os alunos oriundos de diversas regiões do Brasil e do Estado que não possuem auxílio socioeconômico. Moram em Santa Maria sob aluguel ou compra de apartamentos, possuem maior integração com os nativos de Santa Maria por residirem fora da CEU II e mais próximos da cidade.

Conforme vinha elaborando, os grupos são formados por alunos que possuem características comuns de origem. Formam as redes de relações sociais e se beneficiam com estas. Quando perguntado aos moradores da CEU II como ingressaram nas moradias da CEU II, responderam da seguinte maneira, conforme o gráfico 8:

Gráfico 8 – Forma de inserção na casa do estudante CEU II



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Os alunos que ingressaram nas moradias da CEU II por laços fracos recém-formados concorrem com aqueles que possuem maior familiaridades com as pessoas que ali residem.

Desta forma alunos de outras localidades e principalmente estrangeiros, possuem maior dificuldade de ingressarem nas moradias da CEU II.

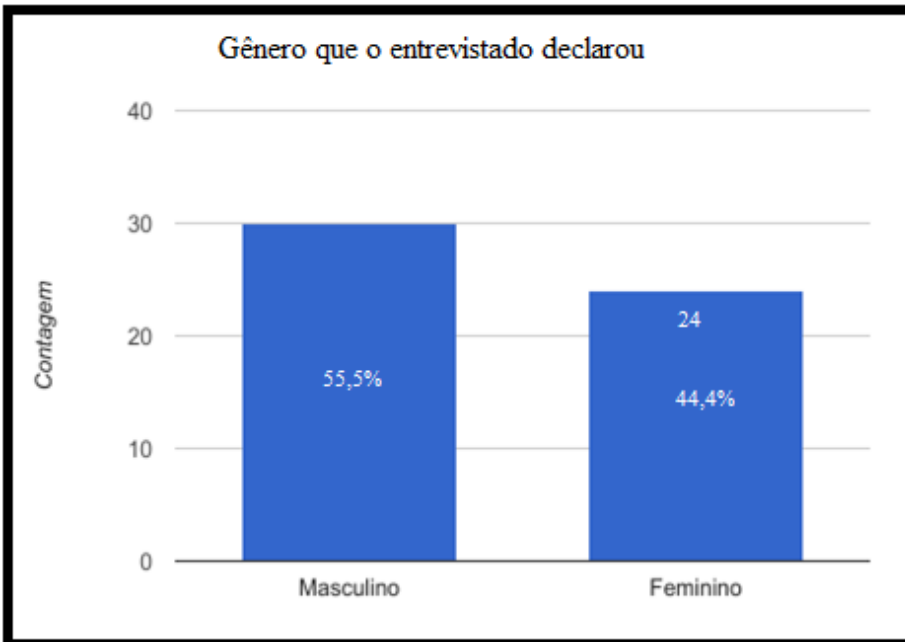
Quadro 4 - Alunos que estiveram morando no alojamento provisório do União e duas das principais formas de inserção na CEU II

Você esteve morando no alojamento provisório da União?	No apartamento onde mora no momento, como conseguiu a vaga?	
	Convite de um amigo da cidade de origem	Convite de um amigo do tempo da União
	0	0
Sim	9	9
Não	2	0
Não respondeu	0	0
Total	11	9

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

No quadro 4, parece haver uma equivalência de número de alunos que se inserem na CEU II por laços pré-formados com aqueles com laços sociais recentemente formados.

Gráfico 9 – Gênero declarado do pesquisado.



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

A diferença entre os estudantes possui também uma relação de gênero, conforme o quadro 5. Antes de supor tal afirmação, preciso mencionar a dificuldade técnica em relação a

coleta de dados. Não obtive dados gerais de gênero da PRAE. Não é possível saber se há mais estudantes mulheres do que homens, mas o número de alunas parece ser muito elevado.

Tive maior facilidade de dispor de entrevistas masculinas, e das vinte e quatro entrevistas femininas, a maior parte veio através de amigos. De qualquer forma é possível perceber algumas diferenças nos dados obtidos. O gráfico 9 expressa a diferença entre o gênero declarado.

Os alunos que se inserem na CEU II, posteriormente, convidam alguns amigos do União sendo estes da sua cidade de origem ou não. Mas aqueles que ingressam nas moradias através de amigos do União o fazem por estabelecer amizades com alunos das redes que dominam o espaço, por isso é muito comum mesmo em uma moradia mais plural haver ao menos um morador da região da Quarta Colônia ou regiões de proximidades.

Quadro 5 - Gênero que o entrevistado se identifica e como ele conseguiu sua vaga na CEU II

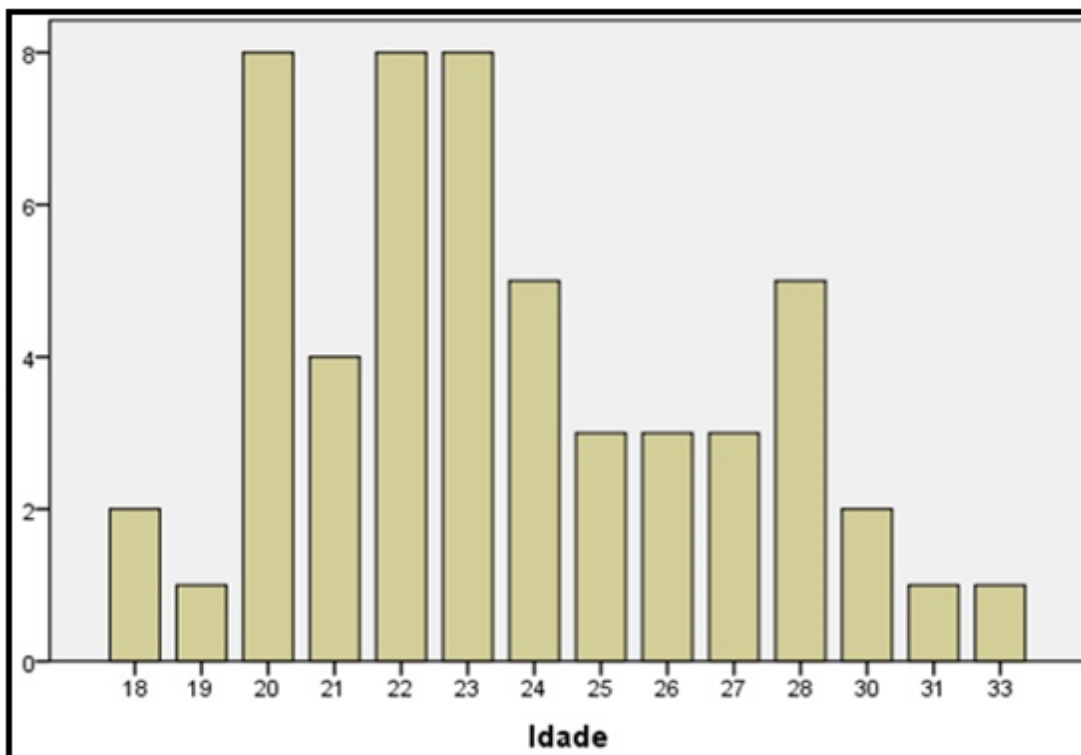
		No apartamento onde mora no momento, como conseguiu a vaga?		
		Convite de um amigo da cidade de origem	Convite de um amigo do tempo da União	Visita a residências
Gênero que você se identifica:	Masculino	6	7	7
	Feminino	5	2	8
Total		11	9	15

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Um pouco diferente ocorre com algumas moradoras mulheres, pois se inserem nas moradias após visitas ao espaço, sem mesmo disporem de laços fracos com o local. No entanto, alunos que ingressam desta maneira nem sempre permanecem na mesma moradia até o fim de sua graduação. Ao expandirem suas redes definem melhores afinidades e acabam por se realocarem para outros apartamentos. O mesmo pode ocorrer com alunos que ingressam nos apartamentos por sorteio ou convite de desconhecidos.

O gráfico 10 expressa a idade declarada dos entrevistados:

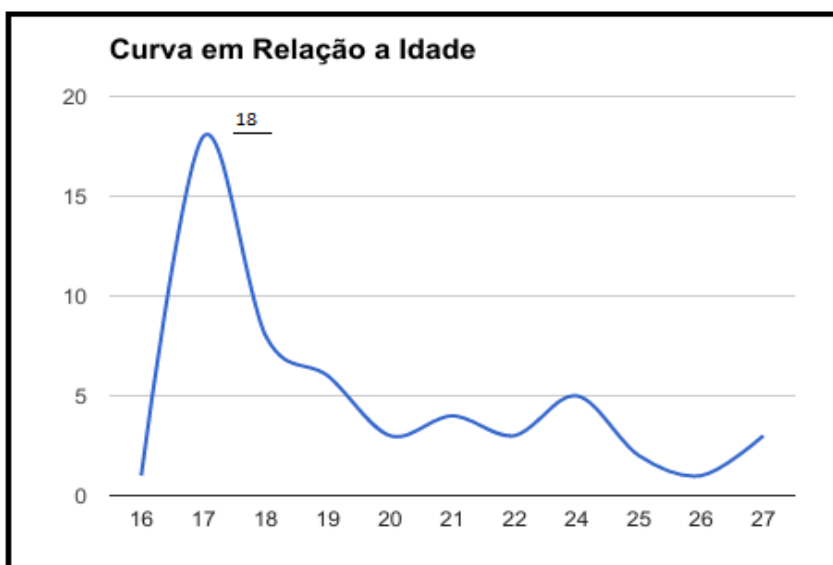
Gráfico 10 – Idade declarado pelos entrevistados



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

No gráfico 11 foi subtraído da idade dos entrevistados o ano de ingresso na UFSM. E chegou-se a informação de uma curva diferente:

Gráfico 11 - Idade principal com que os pesquisados tendem a ingressar na CEU II



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Dezoito entrevistados tinham 17 anos quando ingressaram na UFSM, equivalente a 31,48 % dos entrevistados. Esta curva descendente tem muito a revelar sobre a socialização dos estudantes moradores da CEU II. Mas gostaria de concluir aqui os dados gerais e dar continuidade a este assunto no próximo capítulo.

9 DADOS RELACIONADOS A HIPÓTESE

Os alunos que possuem maior mobilidade no espaço universitário tendem a formar mais laços sociais, porém não necessariamente uma socialização universitária. Embora a mobilidade contribua muito, não é suficiente para o desempenho dos alunos. Para que haja um bom desempenho dos alunos, a suas mobilidades devem gerar em limite de tempo suficiente de seus cursos laços e sociações que visem o aprimoramento dos estudantes. É a realização destes interesses que possibilitam uma socialização secundária tipicamente acadêmica e universitária. Não adianta os alunos se sociarem para como único fim a diversão de um campeonato de videogame por exemplo.

Os alunos que possuem maior domínio do espaço universitário o fazem por outras finalidades para além de sua formação. Conforme o gráfico 11, os alunos tendem a ingressarem muito jovens no ensino superior, e pela observação que tive na CEU II, é no ambiente da Universidade pública que irão experimentar os seus primeiros empregos, a primeira independência longe da família, a primeira embriaguez, as primeiras festas, as primeiras experiências sexuais e a possibilidade de viverem suas sexualidades, sejam qual forem com acobertamento da distância, ou discrição longe da moralidade de suas cidades de origem. Portanto, os alunos têm a realização de sua socialização secundária de jovens ou adolescentes que não podiam realizar em suas próprias cidades.

Entretanto, referente aos alunos que tradicionalmente são os de maior número, provenientes regiões próxima a Santa Maria, ingressam no ambiente universitário acompanhados de jovens de suas cidades de origem e a socialização secundária que iniciaram em suas cidades de origem acaba por se estender até os espaços universitários da UFSM. Ganham maiores abrangências, no entanto, muitas vezes limitados às “formas de sociações”, SIMMEL (1983), devido aos conteúdos psíquicos trazidos de suas comunidades de origem e reconhecida entre os mesmos, funcionando assim como um mecanismo de censura e autocensura.

Lembro de um jovem colega de alojamento em 2013 que me dissera estar interessado afetivamente por uma jovem do mesmo período da União. Me relatou temer ser descoberto em

suas intenções por jovens de sua cidade de origem porque a jovem que lhe interessou não possuía os atributos de beleza reconhecida por estes amigos.

Parece haver um tempo mínimo para que os alunos concluam ou abdicuem de suas experiências de “curtição de juventude” e passem a experimentar aos poucos os seus processos de formação. O tempo mínimo para a execução dos primeiros trabalhos acadêmicos é de um ano, embora se expresse efetivamente após o terceiro ano de graduação, conforme o quadro 6:

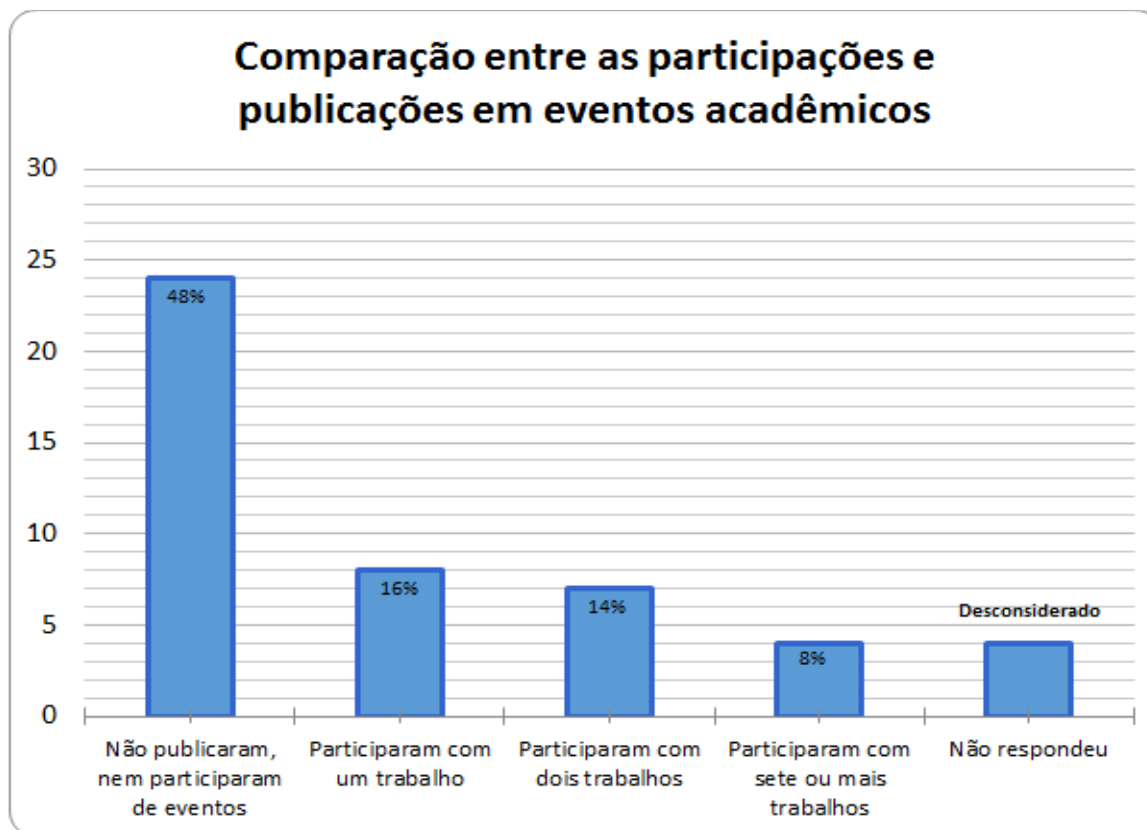
Quadro 6 - Tempo de graduação e o número de produções acadêmicas

Tempo de graduação em anos	Caso o (entrevistado) tenha tido uma publicação: Quantos ?									Total	
	0	1	2	3	4	5	7	Mais de 7	Não respondeu		
1	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	4
2	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	4
3	7	1	5	1	1	0	0	0	0	0	15
4	6	3	1	1	1	2	1	1	0	0	16
5	2	1	0	0	0	0	0	0	1	2	6
6	2	1	1	0	0	0	0	0	1	1	6
7	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2
9	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total	24	8	7	2	3	2	1	3	4	54	

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

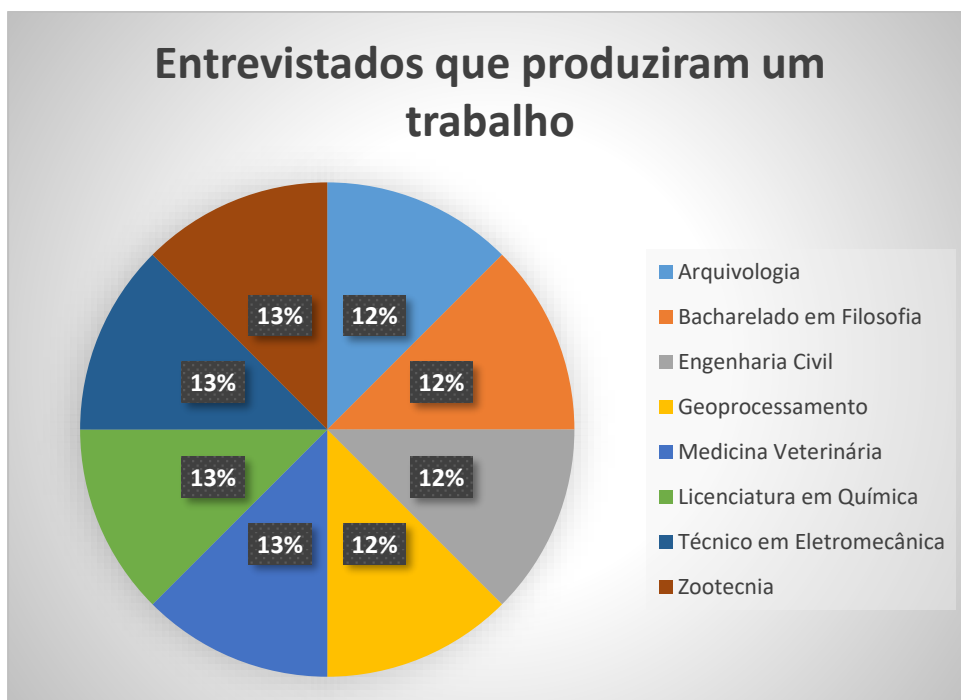
Sobre a produção acadêmica, vejamos os gráficos a seguir:

Gráfico 12 - Participações dos alunos entrevistados em eventos acadêmicos



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

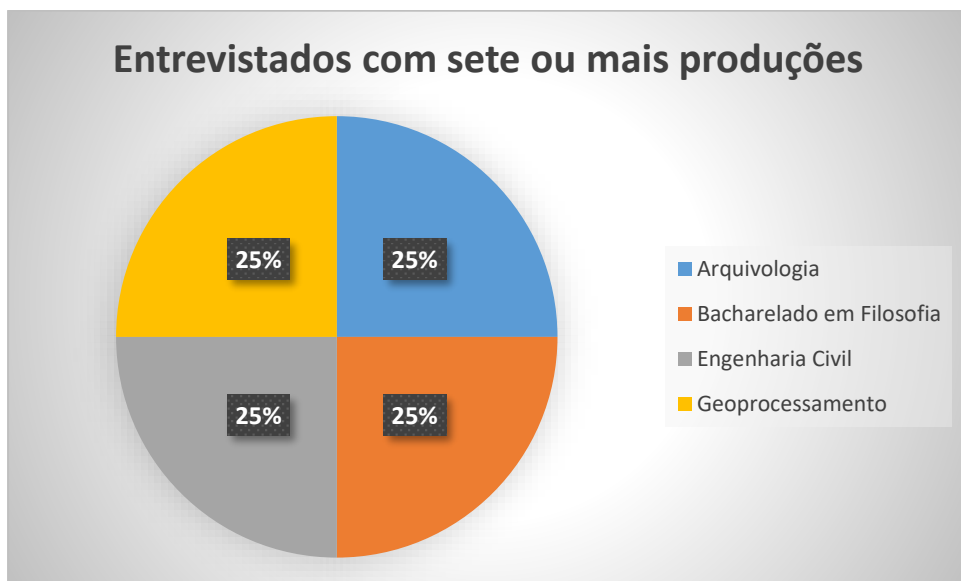
Gráfico 14 – Entrevistados que produziram um trabalho conforme seus cursos



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Das 54 entrevistas e das 26 participações em trabalhos, alunos de 8 cursos disseram ter tido uma participação em evento ou publicação. Por outro lado, alunos de 7 cursos disseram ter publicado dois trabalhos. Os cursos que tiveram 7 ou mais participações foram:

Gráfico 15 – Entrevistados com sete ou mais produções conforme seus cursos



Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Parece haver contradições que os mesmos cursos que não produziram, nem participaram de eventos, também estão entre os que mais produziram, cabe uma análise mais profunda para compreendermos. O que é desempenho acadêmico? O que está relacionado a produtividade? Para podermos prosseguir, tentarei responder estas perguntas para melhor entender como isso se relaciona com o desempenho dos alunos. Observe os três quadros na sequência:

Quadro 7 - Classificação da primeira forma de produção (PP)

O que constitui para você bom desempenho acadêmico?	Primeira Forma de Produção
	Produção Primária
a compreensão do conteúdo	1
agregar novos conhecimentos e saber aplicar	1
Aproveitamento e aprovação das disciplinas.	1
Avaliação do conhecimento adquirido dentro da academia, do que aprendeu ao longo da formação.	1
Boas notas e entendimento da matéria	1
Bom desempenho e boa aprendizagem de conteúdo.	1
Completar as disciplinas com êxito, sabendo o básico ao menos.	1
Conseguir aprovação em todas as cadeiras ofertadas ou em pelo menos 95% destas.	1
Desempenho acadêmico é uma medida de habilidades do aluno, que expressa o que aprendeu.	1
Estudar e participar das avaliações	1
Medias acima de 8.0 e frequência acima 95 %	1
Notas boas ou nenhum exame.	1
prática na área	1
Realizar com sucesso todas as atividades.	1
Ser aprovado em todas as disciplinas do semestre	1
Ter comprometimento com o curso e tirar boas notas.	1
Tirar boas Notas	1
Um bom desempenho é quando passado conteúdo que se consegue compreender e entendê-lo.	1
Total	18

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Quadro 8 - Terceira forma de produção (PT)

O que constitui para você bom desempenho acadêmico?	Terceira Forma de Produção
	Produção Crítica (Terciária)
A capacidade do aluno de expressar o que aprendeu ao longo do processo de formação.	1
Aprendizado pessoal e profissional	1
Assiduidade, comprometimento e boas notas.	1
Conhecimento adquirido, Independente de nota.	1
Conhecimento extraclasse	1
Conseguir aplicar no mercado de trabalho o que aprendi academicamente	1
Conseguir associar o que é ensinado com as necessidades da sociedade.	1
Esforço, iniciativa, compromisso	1
Interesse, força de vontade e assiduidade.	1
Ir além do que é oferecido dentro da sala de aula	1
Motivação, força de vontade e muito estudo.	1
Notas nem sempre refletem conhecimento, atividades extracurriculares, liderança em grupos podem ser.	1
Saber aproveitar as chances de crescer intelectualmente	1
Ter bons resultados acompanhados de capacidades psicológicas.	1
Uma boa avaliação dos professores, para que nós sejamos bem avaliados.	1
Total	15

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

No capítulo “a socialização na produção de conhecimento” descrevi sobre as três formas de produção. Lembrando: Produção Primária é aquela que produz credenciais, aquilo que legitima o aluno como portador de conhecimento, ou seja, aprovação em disciplina; a Segunda Forma de Produção é aquela relacionada a pesquisa, possuir domínios técnicos variados, a produção inovadora, seja em pesquisa ou tecnologias; a Terceira Forma é aquela que produz informação e conhecimentos necessários para que as anteriores se tornem possíveis.

No contexto desta pesquisa as respostas dos entrevistados foram classificadas de acordo com essa elaboração. É importante destacar que a forma mista se difere da terceira forma porque adiciona a importância de outras formas de produção. Outra reflexão importante é que a terceira

forma e a forma mista de produção são parte de um processo de maturidade do aluno que pode ser originária de uma socialização anterior a Universidade, através de valores trazidos ou mesmo pelas experiências em diversos espaços da Universidade. Vejamos o quadro 9 e o quadro 10 na sequência:

Quadro 9 - Forma de produção mista

O que constitui para você bom desempenho acadêmico?	Forma de Produção que Une a Produção Primária, Secundária ou Terciária
	Mista
Além de conseguir ser aprovado, realmente saber do que se trata a disciplina. Não decorar.	1
Aprovação em disciplinas, participação em projetos de pesquisa e extensão.	1
Boas notas, aluno interessado.	1
Boas notas, bom histórico e currículo, sociabilidade com professores, colegas e funcionários.	1
Compreensão dos conteúdos e pesquisas e trabalhos extracurriculares	1
conciliar disciplinas obrigatórias com projetos; trabalhar com o que gosto	1
Entender e conseguir novas alternativas para um determinado conteúdo.	1
Médias altas, produção acadêmica, envolvimento acadêmico, participação em pesquisas.	1
Notas razoáveis, participação ativa em atividades acadêmicas extracurriculares, publicações, etc.	1
Total	9

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Existem diferenças entre os cursos quanto a finalidade que inicialmente se orienta os alunos e o que pode ser considerado desempenho. Existem cursos que muitos alunos se orientam na busca pela técnica e prática que tem por finalidade a produção de profissionais, sejam ou não preparados para o mercado de trabalho. Existem cursos que muitos alunos têm como orientação a cientificidade e a prática, entretanto a orientação científica não necessariamente produz trabalhos científicos, mas capacita o raciocínio científico. (O desenvolvimento deste parágrafo continua na página 72.).

Quadro 10 - Curso por classificação segundo a objetividade e praticidade

Curso	Tipo Curso						Total
	Objetivo e Prático	Misto e Prático	Não Objetivo e Prático	Misto e Mais ou Menos Prático	Misto e Menos Prático	Não Objetivo e Menos Prático	
Agronomia	0	0	0	3	0	0	3
Arquivologia	3	0	0	0	0	0	3
Bacharelado em Filosofia	0	0	1	0	0	0	1
Ciência da Computação	0	0	0	1	0	0	1
Ciências Biológicas	0	0	0	1	0	0	1
Ciências Econômicas	0	0	0	0	1	0	1
Ciências Sociais Bacharelado	0	0	0	0	1	0	1
Desenho Industrial	1	0	0	0	0	0	1
Educação Física	0	2	0	0	0	0	2
Engenharia Civil	0	0	0	0	0	1	1
Engenharia Elétrica	0	0	0	0	0	1	1
Farmácia	0	0	0	1	0	0	1
Filosofia	0	0	1	0	0	0	1
Geografia Bacharelado	0	1	0	0	0	0	1
Geografia Licenciatura	0	3	0	0	0	0	3
Geoprocessamento	0	2	0	0	0	0	2
Letras Bacharelado	1	0	0	0	0	0	1
Letras Espanhol	2	0	0	0	0	0	2
Letras Português	1	0	0	0	0	0	1
Licenciatura em Teatro	1	0	0	0	0	0	1
Medicina Veterinária	0	2	0	0	0	0	2
Meteorologia	0	0	0	1	0	0	1
Odontologia	0	1	0	0	0	0	1
Pedagogia	0	0	0	1	0	0	1
Produção Editorial	1	0	0	0	0	0	1
Publicidade e Propaganda	0	1	0	0	0	0	1
Química em Licenciatura	0	1	0	0	0	0	1
Redes	0	0	0	2	0	0	2
Teatro	2	0	0	0	0	0	2
Técnico em Agropecuária	1	0	0	0	0	0	1
Técnico em Eletromecânica	0	0	0	1	0	0	1
Tecnologia em Alimentos	0	0	0	2	0	0	2
Terapia Ocupacional	6	0	0	0	0	0	6
Zootecnia	0	3	0	0	0	0	3
Total	19	16	2	13	2	2	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Entre estes cursos estão por exemplo os cursos técnicos e tecnológicos em geral e o curso de medicina. Pois tudo que se espera destes cursos é que saibam o seu trabalho que advém principalmente das disciplinas, ou seja, produção primária. Nestes cursos, as publicações de artigos acadêmicos científicos são secundárias desde que os alunos não tenham interesse na carreira acadêmica. Em outros cursos cujo a pesquisa tenha o papel central como cursos de bacharelado, bem como os cursos de áreas naturais e físicas como paleontologia, biologia, ecologia, geologia se os alunos envolvidos não dominam princípios básicos da investigação científica, não se pode afirmar que se tornaram bons profissionais.

É por isso que os cursos mais voltados para a competência técnica possuem na produção primária diversas disciplinas práticas, tornando-se cursos de maior entendimento objetivo, e mais práticos. Do mesmo modo há diversos cursos mistos, tanto de entendimento menos objetivo, com elevada carga teórica, como de procedimentos técnico práticos. Mas existem cursos excessivamente de entendimento não objetivo e pouco práticos. Estes últimos são contraditórios em sua finalidade, muitas vezes intitulados de bacharelado.

Outra reflexão fundamental é que em nenhum momento me referi aos tipos de curso como não entendimento, mas sim entendimento não objetivo, não objetivado pela experiência sensível anterior, ou posterior¹⁶. Do mesmo modo não insinuei a ausência de tarefas práticas, mas sim menos práticas em relação a produção acadêmica. Quanto a minha classificação do quadro 10, gostaria de destacar algumas explicações sobre alguns cursos:

Engenharia Civil e Engenharia Elétrica são cursos de complexa e elevada carga teórica e de cálculos, possuem uma compreensão relativa na medida que os alunos avançam, sem muitas vezes terem assimilado na experiência e demoram mais tempo para que possam realmente ter o domínio de seus conhecimentos. Ciências Sociais e Economia são cursos de extensa carga teórica que utilizam um vasto tempo em conhecer e compreender teorias, sobrando menos tempo para aplicações e inferências aplicadas a realidade. Os cursos de Tecnologia em Geoprocessamento, Agronomia e os técnicos como Redes costumam ter em comum dificuldade de pesquisar autonomamente, ou produzir autonomamente, dependem das atividades disponibilizados por seus cursos. São cursos, cujos os alunos que possuem experiências de trabalho, como estágios, anterior ou durante a graduação podem se favorecerem no aprendizado.

Antes de prosseguir para o desenvolvimento, é importante ressaltar que mantive os cursos grafados da forma mais próxima do que os entrevistados citaram, fazendo poucas adaptações, como Tecnologia em Geoprocessamento para apenas Geoprocessamento, este

¹⁶ KANT, Immanuel (2001)- Crítica Da Razão Pura.

procedimento teve como intuito uniformizar os dados, não busquei pelos nomes corretos dos cursos, pois não achei que fosse necessário. Não é fundamental que eu esteja correto ao sugerir que alguns cursos sejam de compreensão objetiva, ou menos objetiva. O leitor pode muito bem alterar ou classificar de outro modo, mas é de grande importância que eu esteja correto ao menos em sugerir que alguns cursos são mais, ou menos práticos, pelo que virá no decorrer da análise. Mas antes gostaria de fazer uma breve comparação de gênero:

Quadro 11 - Tipo de curso por gênero

	Gênero que você se identifica:		Total
	Masculino	Feminino	
Objetivo e Prático	6	13	19
Não Objetivo e Prático	1	1	2
Misto e Prático	9	7	16
Não Objetivo e Menos Prático	2	0	2
Misto e Menos Prático	2	0	2
Misto e Mais ou Menos Prático	10	3	13
Total	30	24	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

No quadro 11 parece haver uma preferência maior das mulheres na escolha de cursos mais práticos, segundo os entrevistados. Até o momento defini os cursos, de acordo com suas classificações, e as formas de produções.

Na primeira tentativa de compreender a mobilidade no espaço pelo tempo de socialização na produção de conhecimento e sua relação com o desempenho, procurei relacionar os tipos de cursos com suas respectivas produções. No quadro 12, a pergunta se pautava que, caso o (a) entrevistado (a) tivesse afirmado participação em eventos e publicações, deveria informar quantos trabalhos haviam sido produzidos, e as respostas parecem demonstrar certa relação com o desenvolvimento até então. Os cursos Objetivos e Práticos parecem sugerir tanto a falta de necessidade de publicações, quanto, se possível produção, uma certa facilitação. Mas não posso concluir nada a respeito dos tipos menos práticos pela falta de dados.

Quadro 12 - Tipo de curso por número de trabalhos publicados

Tipo de Curso	Caso a resposta anterior seja afirmativa: Quantos ?									Total
	0	1	2	3	4	5	7	Mais de 7	Não respondeu	
Objetivo e Prático	12	1	2	0	0	0	1	2	1	19
Misto e Prático	5	4	3	1	1	1	0	1	0	16
Não Objetivo e Prático	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Misto e Mais ou Menos Prático	5	1	1	0	2	1	0	0	3	13
Misto e Menos Prático	1	0	0	1	0	0	0	0	0	2
Não Objetivo e Menos Prático	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
Total	24	8	7	2	3	2	1	3	4	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Já no quadro 13, quanto a forma de produções, verificou-se:

Quadro 13 - Desempenho acadêmico por número de trabalhos publicados

O que constitui para você bom desempenho acadêmico?	Caso a resposta anterior seja afirmativa: Quantos ?									Total
	0	1	2	3	4	5	7	Mais de 7	Não respondeu	
Produção Primária	11	4	3	0	0	0	0	0	0	18
Produção Secundária	2	1	0	0	0	0	0	0	0	3
<u>Produção Crítica (Terciária)</u>	<u>5</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>1</u>	<u>0</u>	<u>3</u>	0	15
Misto	3	2	2	1	0	0	1	0	0	9
Confuso	2	0	0	0	0	1	0	0	1	4
Não respondeu	1	0	0	0	1	0	0	0	3	5
Total	24	8	7	2	3	2	1	3	4	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Há uma certa semelhança entre os dois quadros (12 e 13), concentrando a maior produtividade na parte central, e possivelmente pode indicar que os cursos mistos e mais práticos possuem uma maior mobilidade no espaço através de múltiplas tarefas práticas. Podemos observar também que nesse último quadro o modelo de análise agrupa aqueles cursos menos objetivos ou menos práticos na forma de produção crítica e mista o que necessita complementar com os dados do quadro 14:

Quadro 14 - Bolsas citadas versus publicações

Bolsas citadas que os alunos participaram:	Você já apresentou algum trabalho em evento científico ou de extensão?			Total
	Sim	Não	Não respondeu	
PRAE	15	16	1	32
CNPQ/PIBIC	8	2	2	12
PORBIC/FAPERGS	5	0	0	5
PET	1	0	0	1
EXTENSÃO	3	2	0	5
Bolsa CTISM	1	0	0	1
Bolsa Permanência	1	1	0	2
Programa Ed./Tutorial	1	0	0	1
FIEX	3	0	0	3
CAPES	1	0	0	1
Monitoria	2	1	0	3
Estágio	0	1	0	1
FIPE	1	0	0	1
FATEC	0	1	0	1
NÃO PARTICIPEI	2	6	0	8
Total	26	25	3	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

O quadro 14 foi elaborado com até duas bolsas citadas pelos entrevistados. Dos 54 entrevistados, as 66 bolsas totais equivalem a 122,22 % de capacidade de inserção em bolsas. Já os 8 alunos que declararam nunca ter participado de bolsas, equivalem a 14, 81% dos entrevistados. Dos 122,22 % de bolsas citadas, 42 ou 77,77 % estavam no grupo dos que declararam ter participado de publicações em eventos, sendo que entre estas bolsas, 27, 77% eram bolsas PRAE. Por outro lado 24 ou 44,44% de bolsas não geraram publicações, sendo que destas 29, 62 % tratava-se de bolsas PRAE. Constata-se, que ao menos nestes dados, haja uma boa integração institucional destes alunos e que um número baixo de alunos possa ter estado com algum problema de segregação. Entretanto estes dados não são suficientes para generalização estatística, deve-se levar em conta a possibilidade existente de “outliers”, alunos que participaram em muitas atividades institucionais com muitas bolsas, muito acima da média dos moradores, contra alguns que não tiveram nenhuma. Se pudesse ser considerada esta

amostra para uma generalização, os 8 alunos sem participação em bolsas na proporção da CEU II seriam em torno de 200 alunos.

As bolsas parecem fornecer possibilidades técnicas práticas de superar as deficiências de diversos cursos com extensiva carga horária teórica, trazendo benefícios ao desempenho acadêmico, sejam quais forem os tipos de cursos e as respectivas formas de produções. A bolsa PRAE citada, nem sempre contempla benefícios positivos em produção acadêmica, as modalidades de bolsas PRAE são inúmeras, muitas destas não possuem nenhuma relação prática com os cursos dos alunos que delas participam, porém muitas vezes colocam os alunos em lugares estratégicos e fornece um melhor entendimento do funcionamento institucional, levanta informação através dos bolsistas de oportunidades de ACG, DCG, outras bolsas. E estas informações vinda direta de bolsistas em primeira mão acabam ajudando outros estudantes que com estes bolsistas formam redes de relações sociais, por socialização regional, ou socialização universitária. Outras mobilidades no espaço universitário, também fornecem as mesmas possibilidades como o Programa Segundo Tempo que oferece espaços para prática de esportes. Para SIMMEL (1983), os jogos por diversão, onde não há um compromisso de se ganhar partidas, são formas de sociação desconstituídas de conteúdo, o que é o mesmo em dizer que o conteúdo é a própria sociação. Verificou-se uma relação entre produção acadêmica e estar inseridos em programas institucionais, conforme o quadro número 15 na sequência.

Quadro 15 - Programas institucionais versus publicações

Programas institucionais citados que os entrevistados participaram	Você já apresentou algum trabalho em evento científico ou de extensão?			Total
	Sim	Não	Não respondeu	
Curso de Informática	2	9	0	11
Curso de Língua Estrangeira	12	9	0	21
<u>Segundo Tempo</u>	14	5	0	19
Piscina CEU II	0	1	0	1
Não respondeu	2	2	3	7
Não participei	3	6	0	9
Total	26	25	3	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

É possível que o esporte por estar desconstituídos de amarras psíquicas favoreça as relações sociais e amplie redes de solidariedade. Outra interpretação possível, é que os alunos provenientes de curso mais objetivos e práticos possuem maior disponibilidade de tempo para formarem relações sociais, ou ainda, manter as que já possuíam de suas cidades de origem através do esporte.

Vejamos o quadro 16:

Quadro 16 – Formas de inserção nas bolsas

Bolsas Citadas	Formas de Inserção:							Total
	Seleção Pública	Professor lhe convidou	Indicação de um Amigo ou Familiar	Já era voluntário no grupo de pesquisa	Não Tive	Não Informou	Seleção/ Assistência	
PRAE	14	10	12	5	1	0	0	32
CNPQ/PIBID	5	4	2	2	0	2	0	12
PORBIC/FAPERGS	2	1	0	2	0	0	0	4
PET	1	0	0	0	0	0	0	1
EXTENSÃO	2	0	1	0	0	0	0	3
Bolsa CTISM	0	1	0	0	0	0	0	1
Bolsa Permanência	0	0	1	0	0	0	1	2
Programa Ed./Tutorial	1	0	0	0	0	0	0	1
FIEX	2	1	1	1	0	0	0	3
CAPES	0	0	0	1	0	0	0	1
Monitoria	1	1	0	1	0	0	0	2
Estágio	0	1	1	0	0	0	0	1
NÃO PARTICIPEI	1	0	0	0	7	0	0	8
Total	21	12	13	7	8	2	1	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

O quadro 16, conta com até duas bolsas citadas pelos entrevistados para que pudesse os dados serem cruzados com as citações de até duas respostas de entrevistas que informam a maneira que os alunos puderam se inserir. Se o convite do professor é a segunda maior forma de inserção em bolsas, devemos nos perguntar se existe algum critério coerente metodológico na escolha, ou se isso repete o semelhante processo de inserção na casa de estudante, onde parte dos alunos se inserem nos apartamentos mediante a visita a residências. Até o momento, se os dados estiverem corretos com as observações apontadas, verifica-se a importância das bolsas para o desempenho dos alunos. Quem são os alunos especiais que são convidados a integrarem projetos de pesquisa? Se existe alguma relação dos participantes do programa Segundo Tempo

com a produção acadêmica, pode haver análogo a isto, como similitude, do convite do professor, a sociação entre este e o aluno e, que as inclinações sejam a própria sociação, de modo que alunos mais sociáveis facilitem a aproximação e convites de Professores. De outro modo, a afeição, identificação com ideias entre muitas coisas que não é possível saber. Entretanto os alunos mais jovens, a maioria que completa um ano de curso, com seus dezoito ou dezenove anos, são mais abertos a sociação que alunos mais velhos pela pouca experiência de vida ou mesmo conteúdos poucos diversificados de uma socialização anterior de jovens mais jovens dentre a maioria. É justamente esta falta de estranheza, ou a mais “barata” identificação que os alunos possuem com o curso ou disciplinas que permite compactuar com as formas de produções favorecendo uma “dominação simbólica” BOURDIEU (1989). Ou seja:

Numa formação social determinada, a força propriamente simbólica das sanções físicas ou simbólicas, positivas ou negativas, juridicamente garantidas ou não, que asseguram, reforçam e consagram duravelmente o efeito de uma ação pedagógica (AP) é tanto maior quanto elas se aplicam a grupos ou classes mais dispostos a reconhecer a autoridade pedagógica (AUP) que as impõem. (BOURDIEU e PASSERON. P. 35)

Se mantém a ordem das coisas e o status é a posição hierárquica que pretendem ganhar na ordem, de simples formados à carreira acadêmica.

Foi desenvolvido para este estudo categorias teóricas explicativas complementares, se propõe com isso um modelo explicativo para fim de entendimento de falas de alguns moradores. Os cursos podem variar do seguinte modo:

Demanda social (valor útil), demanda de mercado (valor de troca ou profissão) e demanda acadêmica (carreira acadêmica). Todos os cursos possuem em alguma medida as três classificações, embora exista diferenças grandes entre os mesmos, sendo que alguns cursos são mais valorizados que outros por demanda de mercado, possuindo, inclusive, mais investimentos públicos e possibilidades de parcerias com empresas privadas através de estágios dos alunos. Cursos com menos recursos e pouco integrados por demanda de mercado, por exemplo, são ciências sociais e filosofia. E o fato da UFSM estar situada na região Central do Rio Grande do Sul afastada dos grandes centros industriais amplia mais ainda as dificuldades de aproximação dos alunos com possibilidade de estágios. Isso também torna possível ainda que os cursos em gerais sofram poucas influências das demandas de mercado, acabando por terem um direcionamento em torno da formação de professores universitários e, para produção de trabalhos científicos acadêmicos para outros acadêmicos.

Desta forma Engenharia Elétrica e outras engenharias, que eram vistas como cursos menos práticos em relação a segunda forma de produção, tornam-se cursos, que conforme a alguns entrevistados, de orientação para adquirirem competência técnica (profissionalização) e de credencias de legitimação de se tornarem aptos ou formados, produção primária. Estes apontamentos não são precisos para fazermos generalizações, mas são importantes para entendermos que os conteúdos conflitivos das “sociações”, SIMMEL (1983) são a finalidade que originalmente motivaram os entrevistados para a escolha de seus cursos. Também é possível que alguns cursos onde alunos se orientam para o mercado, tenham disciplinas voltadas a produtividade acadêmica dissociadas da demanda social e de mercado. Abstraindo um pouco mais, o conflito central está entre os que pretendem se “estabelecer” (Elias), que visam carreira acadêmica¹⁷ e os de passagem que visam formação por demanda social e de mercado.

Ciências Sociais, Economia, Filosofia entre outros, formam, demandas sociais com um mercado pouco organizado no Brasil. Desta forma há sempre alguma contradição entre o que o aluno gostaria de saber (caso seja orientado por uma perspectiva de trabalho fora da academia) e o que a academia está disposta a ensinar. E os alunos que se orientam de outro modo do que é ofertado acabam por trilhar um caminho árduo até sua formação, se conseguirem se formar. Para exemplificar melhor trago um estudo mais qualitativo de alunos moradores da CEU II. O estudo a seguir tem por finalidade completar e dar um desfecho final da hipótese da pesquisa e traz como fonte principal, das informações e reflexões sobre o ambiente acadêmico, a perspectiva de moradores da CEU II. Dividi os dados produzidos de conversas e observações a respeito de alguns amigos e moradores da CEU II em dois grupos, o grupo um e o grupo dois. E cada um destes grupos possuem os senhores A, B, C e D dos cursos apontados a seguir:

Quadro 17 - Grupo 1 e 2 de um estudo de caso complementar

Grupo 1	Grupo 2
A - Engenharia de Computação	A- Geoprocessamento
B - Bacharelado Matemática	B- Licenciatura em Ciências Sociais
C - Educação Física	C - Geoprocessamento
D - Licenciatura em Geografia	D - Licenciatura em Geografia

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

¹⁷ Não somente trilhar uma carreira acadêmica, mas trilhar uma carreira acadêmica conforme desenvolvida na UFSM, para a UFSM e para “honrar” pai e mãe, socialização primária e secundária e a base de produção. Diferente daqueles que pretendem sair, e terem que procurar o local que tenham uma afinidade para se estabelecer.

Os senhores A1 e A2 tiveram em comum terem trazidos consigo uma socialização anterior de profissão compatível com os mesmos cursos que escolheram. De modo que puderam ter uma maior flexibilidade com as discrepâncias acadêmicas em relação a demanda social e de mercado, pois além de terem facilidades em seus cursos podiam corrigir as dificuldades de entendimento a partir de suas experiências anteriores. Suas flexibilidades tinham por base orientarem suas ações para sua formação, mantendo sua fidelidade com seus objetivos. Estão os dois atuando no mercado de trabalho no atual momento (julho de 2017), um ainda cursando faculdade e o outro já formado.

O senhor B1 e a senhora B2 ambos desistiram de sua formação, pois não se adaptaram aos seus cursos. O Senhor B1 escolheu um novo curso e uma outra universidade onde optou por um curso que possuía afinidade de profissão que já havia exercido. A senhora B2 casou e foi constituir família. Ambos gostavam de uma formação mais profissionalizante ou mais prática e se sentiam sem finalidade e suas escolhas.

Os senhores C1 e C2 tem dificuldades de adaptações por seus conteúdos valorativos. O primeiro, recém-formado, possui uma elevada carga horária de início de sua segunda graduação e, mais o tempo gasto com trabalho, de modo que tem dificuldade de tempo para organizar seus projetos para uma inserção no mestrado. Se orienta pela fidelidade aos compromissos que assume levando todos até o fim sendo um aluno que foi muito respeitado durante sua graduação. O segundo não vê propósito nos estudos técnicos e na linguagem acadêmica de seu curso em relação a demanda social e de mercado. De modo que já até vincula a própria tecnologia usada em seu curso com a falta de propósito dos estudos que são feitos.

Os senhores D1 e D2 já possuem experiência em lecionar e estão prestes a se formar, o primeiro já terminou o seu Trabalho de Graduação e o segundo ainda nem começou o trabalho de campo (julho de 2017). O primeiro optou por um trabalho de aplicação didática, ou seja, ciência aplicada, idiográfica. Já o segundo encontrou muitas dificuldades na aplicação prática, pois optou por um estudo da geografia humana e econômica, onde por mais de um ano fez leituras e fichamentos de diversos teóricos e encontra ainda dificuldades de inferência prática por causa de dados que precisa dispor da prefeitura e falta de tempo, pois seu processo de formação de professor consome a maior parte do tempo.

O resultado da verificação da hipótese mostrou-se mais complexa do que a maior ou menor mobilidade no espaço, ou seja, a indução que o deslocamento no espaço promove no desempenho acadêmico. Embora contribua muito, a mobilidade no espaço universitário pelo tempo de socialização na produção de conhecimento depende de complexos fatores. O primeiro deles é a inclinação pessoal, os conteúdos próprios que cada aluno busca realizar estar ou não

em conformidade com seus cursos e o ambiente acadêmico em geral, ou mesmo a UFSM de Santa Maria e também a CEU II. É nesta perspectiva que os alunos mais jovens estão mais abertos para entrarem em conformidade com o meio por não possuírem muitas referências anteriores. Os alunos mais jovens estão mais inclinados a inculcação pela “ação pedagógica” (BOURDIEU e PASSERON) em suas socializações acadêmicas. Outro fator é que os alunos da UFSM em suas relações produzem o espaço universitário em geral e há múltiplas relações de poder que esta pesquisa pode verificar, porém não compreender bem. Uma delas é que alunos que moram próximos, especialmente oriundos da Quarta Colônia possuem vantagem sobre o Espaço Universitário, dispõem de mais redes e de uma memória coletiva e uma simbologia sobre o que significa morar na CEU II. Estes alunos possuem muitas vezes parentes e amigos em Santa Maria, dispõem de mais recursos materiais que as redes lhe fornecem em função da proximidade com a UFSM. Ditam uma espécie de violência simbólica¹⁸ no meio, exibem seus carros, seus sons em frente ao União Universitário determinam a arte e a cultura local. Outro fator é que os cursos mais dinâmicos que possuem demanda social, de mercado e acadêmica estão mais propensos em realizar algum conteúdo psíquico do aluno interessado como ser professor licenciado, pesquisador de áreas aplicadas, humanas ou exatas ou seguir carreira acadêmica pelas múltiplas tarefas práticas que dispõem. Ou seja, estão dispostos a aceitar a ação pedagógicas em áreas de pouco interesse, em determinados cursos, por realizarem-se em outras.

SHUMPETER (1961), fazendo menção aos estudiosos da racionalidade e mencionando Pareto, nos sugere que o pensamento racional e a ação racional não têm nada haver um com o outro nem o último dependo do primeiro. Pois segundo o autor, as ações podem ser compreendidas dentro de uma racionalidade posterior sem fazer relação entre as causas e os resultados. Deste modo, quando foi perguntado aos alunos o que eles acreditavam ser desempenho acadêmico, muitos citaram suas iniciativas individuais, sua força de vontade. E alguns mencionaram lateralmente a este quem lhe dirige a palavra que consideravam muitos alunos preguiçosos, ou terem uma formação do ensino médio ruim. Todas estas opiniões parecem muito verdadeiras e dignas, mas expressam apenas a opinião daqueles que puderam se realizar e tem um maior domínio sobre o espaço universitário. Seja por quais meios conscientes ou não, através de um amparo extra institucional de uma rede formada por amigos e familiares por qualquer forma de apoio lhes fornecem uma maior mobilidade no espaço, maior inserção

¹⁸ BOURDIEU (1989. P.10 e 11) – “ A cultura que une (intermédio de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima todas as distinções...]. [...] dando reforço a própria força às relações de força...] contribuindo assim para a domesticação dos dominados”. Estes alunos que estão a representar suas marcas de festividades, são os mais ricos dos cursos das áreas rurais.

em atividades acadêmicas, maior socialização na Universidade com seus respectivos alunos em geral. Quanto a estes detalhes gostaria de contribuir com algumas últimas menções no capítulo a seguir.

10 REFLEXÕES POSTERIORES A ANÁLISE DOS DADOS

Já foi desenvolvido neste trabalho que os alunos que possuem atividades de bolsas, principalmente as de pesquisas e iniciação, possuem de imediato bons resultados em produções acadêmicas. Também foi sugerido que os alunos com inclinações próprias para sociações ou sociabilidade em programas institucionais e atividades acadêmicas possuem a possibilidade de realizarem o que acreditam ser desempenho acadêmico se estiverem em conformidade com os meios. Mas existe outras coisas que as atividades acadêmicas promovem, uma delas é a integração institucional, ou solidariedade, que implica naturalmente em solidificação e coesão entre os membros que constituem a universidade. Maior solidariedade que os membros integrados possuem é a certeza de fazerem parte de uma formação superior em uma das vinte melhores universidades federais do Brasil. Nenhuma crítica pode abalar seus desempenhos e esforços individuais que promovem suas grandes realizações de formação¹⁹. Mas isso poderia ser também dominação simbólica²⁰, pois mascara as relações sociais contraditórias internas, bem como as experiências vividas sobre os espaços que compõem a unidade. Há muitos alunos que surtam, caem em alcoolismo²¹, não terminam suas graduações e beiram a loucura quando saem da universidade e voltam para suas cidades. Existem dificuldades financeiras de muitos

¹⁹ El capital universitario se obtiene y se mantiene a través de la ocupación de posiciones que permiten dominar otras posiciones y a sus Ocupantes, como [...]: ese poder sobre las instancias de reproducción del cuerpo universitario asegura a quienes lo detentan una autoridad estatutaria, suene de atributo de función que está mucho más ligado a la posición jerárquica que a propiedades extraordinarias de la obra o de la persona, y que se ejerce no solamente sobre el público de rotación rápida de los estudiantes sino también sobre la clientela de los candidatos al doctorado, en el interior de la cual se recluta por lo común a los ayudantes [...] (P. 114 Homo Acadêmicus).

²⁰ [...] as frações dominantes, cujo o poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade de sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por meio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detém por delegação [...]. BOURDIEU e PASSERON. 1989 P.12.

²¹ MACHADO (2011), descreve em sua obra o relato de “João” morador da casa que sofria estigma por alcoolismo. Observa-se que o uso de álcool pelos moradores é algo rotineiro, comum em finais de semana, mas pouco falam das questões que motivam os excessos. Dificuldade de adaptação em ambiente lotado e precário, problemas de adaptação com os seus cursos e uma infinidade de coisas que precisa ser avaliada. O presente autor morou com duas pessoas que passaram por problemas semelhantes, uma mudou de universidade e outra não se encontra na CEU II no momento (agosto de 2017), especula-se que esteja internada.

alunos que dificultam a mobilidade no espaço para formar uma socialização universitária, inclusive frequentar aulas de língua estrangeira qualificadas. Dividir tempo entre trabalho e estudo pode dificultar muitas disciplinas e áreas de estudo, algumas disciplinas podem contradizer a suas próprias finalidades e as finalidades podem e são construídas a partir das relações sociais e hierárquicas sobre o espaço.

Recentemente (julho de 2017), dois professores da geografia sofreram pressão de seus alunos mais jovens, um por dar pouca aula e explicações, outro por cobrar muitas atividades técnicas e de cálculo. Estes alunos formam um grupo que querem determinar os meios conforme suas finalidades, uma delas é ter uma aula didática simples com conteúdo previsível em provas para facilitar suas formações, seus alunos tem como inclinações internas a própria formação. Mesmo o autor que lhe dirige estas palavras teve experiência positiva²² com o professor que dava pouca aula, que por ter liberado os alunos de aulas excessivas que ele chamava “masturbação mental” acabou por me dar tempo para uma produção do tipo acadêmica que tenho hoje condições de publicar e ainda me emprestou um livro pessoal para garantir a realização.

Quanto a estas menções cabem minhas últimas considerações. Existe contradições sobre o que é exigido e o que é ensinado. As disciplinas não são completas, existe uma incompletude²³ que nem sempre são superadas através do tempo em seus respectivos cursos. Cursos de produções excessivamente de escritas podem não cobrar, nem ensinar resumos e sintetizações de conteúdo, podem ocupar o tempo dos alunos em leituras e aulas expositivas. Cursos de produções técnicas as vezes dividem alunos por grupos tornando a experiência individual com ferramentas e tecnologias mais fragmentada dificultando o aprendizado individual de muitos. Esta incompletude da experiência individual poderia ser superada pela maior mobilidade no espaço pelo tempo de socialização na produção de conhecimento ou apenas maior socialização universitária. Vejamos o quadro 18:

²² Acredito ser relevante tal exemplificação referente a uma disciplina de geografia que o presente autor cursou no segundo semestre de 2016. Pude observar que ao menos nessa disciplina a teorização e o vocabulário epistemológico são menos importantes que a referência empírica e prática. Questões que podem ser melhor elucidadas através da obra: *Homo Academicus* de BOURDIEU, Pierre. 2008.

²³ Segundo o trabalho de LANNES, Wagner (2009) que estudou o impacto cultural das ideias do matemático Gödel nos diferentes círculos acadêmicos, através da circulação de ideias intercoletivas, conclui-se que nos estudos das ciências cognitivas, para que se possa assimilar um certo nível de conhecimento era preciso saltar para fora do sistema, partir para um nível mais abrangente. E as ideias do matemático tem sido usada por diferentes áreas de conhecimento, hora por isomorfismo, hora por metáforas com intuito de preencher lacunas semânticas.

Quadro 18 - Participação de ACG e DCG em cursos diferentes do entrevistado versus pesquisa com publicação; Tempo de produção; Tabela Cruzada

Você participa, ou já participou de ACG ou DCG em cursos diferentes do seu?	Pesquisa com Publicação: - Tempo de produção:						Total
	Nenhum(a)	Pouco(a)	Razoável	Frequentemente	Muito Frequentemente	Não respondeu	
Sim	9	6	4	8	3	1	31
Não	10	4	1	2	0	0	17
Não respondeu	0	0	0	0	0	6	6
Total	19	10	5	10	3	7	54

Fonte: Questionários criados para este estudo (2016). Elaboração: O Autor

Mas para que seja possível essa maior mobilidade deve ser reivindicada através da instituição, entretanto, nem sempre é possível conseguir vagas em outros cursos em disciplinas que realmente o aluno perceba que necessite da experiência. Algumas disciplinas são ofertadas no início do primeiro semestre, são disciplinas que as vagas se esgotam com seus próprios alunos. E por uma relação mais orgânica e menos departamental, uma articulação entre cursos poderia resolver a questão. Ou seja, seria importante que na Universidade houvesse uma socialização universitária maior que uma socialização regional, promovendo uma maior coesão interna, menos departamental.

Também é importante ressaltar que assim como ocorre na CEU II, alguns alunos constituírem a categoria de “estabelecidos” (Elias) por pertencerem as redes que possuem domínio a mais tempo sobre a CEU II e a UFSM, nas convivências acadêmicas extra CEU II, como nas respectivas disciplinas de cada curso, também ocorre algo semelhante. Os alunos de Santa Maria ou não que já possuem uma formação anterior em áreas semelhantes ao atual curso escolhidos acabam por chegar como “estabelecidos” (Elias) na linguagem e nas técnicas acadêmicas transferindo conhecimento da área anterior a nova área e com isso acabam por ditar o ritmo das aulas que os recém-chegados e inexperientes não conseguem acompanhar.

Existem ainda três variáveis principais que o trabalho pode alcançar: a primeira é ser “estabelecido” (Elias) das exigências culturais regionais de Santa Maria; a segunda é tornar-se estabelecido academicamente, ou seja, o espaço da meritocracia, onde o aluno com seu esforço pode adquirir algum nível de experiência acadêmica e a terceira variável é ser da elite dominante

que pode variar de curso a curso. E é esta última variável que precisa ser explorada em outros estudos. As variáveis são independentes aparentemente, de modo que se tornar um estabelecido acadêmico não garante carreira acadêmica com facilidade, ser um aculturado regional não garante a aquisição do *habitus* acadêmico sem nenhum tipo de esforço. E a elite dominante, ou a classe que dita a “violência simbólica” (BOURDIEU) em cada curso não é possível de conhecê-la, sem um estudo específico. Mas eu me arriscaria a lançar uma hipótese para estudos futuros, que a classe dominante em cada curso é aquela, cujos alunos dispõem do privilégio de poder equilibrar tempo de estudo e lazer sem deixar de participar de redes de socialização universitárias e regionais, tanto quanto redes de produções acadêmicas. Já que é sempre pelo aumento de laços que se adquire os meios, é também pelos meios que se mantém os diferentes laços que sem os quais os indivíduos não são sociáveis e não conseguem formar uma socialização universitária.

Sejam quais forem os conteúdos e inclinações trazidos pelos alunos, numa dinâmica de interação social estão sempre a modificar-se. Neste primeiro semestre de 2017, já se percebe as modificações nas relações sociais da CEU II devido a inserção de um novo perfil de aluno morador da Casa de Estudante graças ao sistema SISU que facilita a entrada de alunos de classes menos favorecidas. Entre os novos alunos há muitos provenientes de áreas urbanas e filhos de trabalhadores informais, conforme alguns contatos que tive recente. No entanto não disponho de maiores dados, sejam quais forem os perfis destes alunos, relações sociais novas estão para influenciar novas formas de ser estudante da UFSM.

Conclusão

Este trabalho tratou do tema socialização dos estudantes e os seus desempenhos acadêmicos, delimitou o objeto pela perspectiva dos estudantes moradores da CEU II da UFSM em 2016. Teve como hipótese que uma socialização universitária, ou a mobilidade no espaço universitário pelo tempo de socialização na produção de conhecimento fosse a chave de um possível entendimento dos desempenhos dos alunos. Foi percebido que áreas científicas práticas e aplicadas, acarretavam em mais produtividade acadêmica. Percebeu-se que ciências menos aplicadas e mais teóricas eram menos produtivas, porém todas as áreas beneficiavam-se por atividades práticas de pesquisa desenvolvidas pela instituição.

O estudo verificou as diferenças de desempenhos acadêmicos possíveis em diferentes cursos. Nem todos os cursos, os seus alunos estão dispostos a segunda forma de produção

(pesquisa, artigo, publicações). Em alguns cursos, os seus alunos se pautam pela profissionalização, não estando diretamente relacionados a pesquisa. Os alunos possuem diferentes inclinações e valores sobre suas ações em relação as suas formações. Os alunos que se realizam mais podem ser aqueles que suas inclinações próprias estão em conformidade com os meios escolhidos e as expectativas de sua origem social.

Os alunos nem sempre possuem clareza sobre porque possuem bons ou maus desempenhos, nem de si mesmos nem de seus semelhantes.

A pesquisa tratou dos processos de inserção na CEU II e nas atividades acadêmicas em geral, percebeu que os laços de amizades formados entre os alunos os ajudam a se inserirem em diferentes meios acadêmicos que os ajudam a melhorar seus desempenhos. Foi percebido que os alunos provenientes de regiões próximas a Santa Maria possuem uma rede maior de laços sociais que os beneficiam de diferentes formas inclusive em questões materiais por proximidade com familiares. Estes alunos provenientes de regiões próximas determinam uma espécie de “arbitrário cultural” sobre as formas de ser estudante e relacionar-se com a instituição, possuem códigos de conduta que nem sempre são de fáceis adaptações por alunos provenientes de outras regiões. A maior parte dos alunos moradores da CEU II tendem a ingressar com 17 anos na universidade.

Os alunos moradores da CEU II provenientes de regiões próximas a Santa Maria, principalmente os alunos da Quarta Colônia, podem ser associados com a categoria de “Estabelecidos” de (ELIAS) em diversos espaços institucionais a partir das redes de amigos da CEU II. Enquanto nas questões acadêmicas de seus respectivos cursos, os alunos que possuem maior bagagem anterior, a nível ensino médio, técnico, outra graduação, ou de experiência profissional, podem transferir a experiência para cursos de áreas semelhantes e se beneficiar, embora haja poucos casos dado que a maior parte dos alunos ingressam muito jovens na academia. Sendo que isso contribui, portanto, para que os alunos mais jovens e bem-dispostos ou inclinados a sofrerem a “ação pedagógica” e adquirirem o “*habitus*” (BOURDIEU e PASSERON) a partir da “dominação simbólica” (BOURDIEU), do tipo acadêmica, aqueles que já possuem posição na hierarquia ou pretendem ter, através da carreira acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Angela MC; JÚNIOR, Armando Boito. **Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra**. Boitempo, 2002.

BERGER, P. L. & LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. 1930- 2002. **A Distinção: crítica social do julgamento**/ Pierre Bourdieu; tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. – São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. **Homo academicus** / Pierre Bourdieu; Tradução Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle; revisão técnica Maria Tereza de Queiroz Piacentini. 2. Ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. Pierre Bourdieu; **sociologia**/ organizador da coletânea: Renato Ortiz; Tradução. Paula Monteiro e Alícia Auzmendi. – São Paulo: Ática, 1983.

CEU II. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ceu2/site/?page_id=41> Acessado em maio de 2016.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 92-123, 1998.

DURKHEIM, Émile, 1858 – 1917. **Da divisão do trabalho social** / Émile Durkheim; tradução Eduardo Brandão. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (coleção tópicos)

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L.: **Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**, Rio de Janeiro, Zahar 2000.

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação***. In: Revista Brasileira de Educação. Nº10, Caxambu-MG, 1999.

HORA DE SANTA CATARIA. Casa do estudante da UFSC. Disponível em:<<http://www.misturebas.com/site/aluna-sofre-tentativa-de-estupro-na-moradia-estudantil-da-ufsc-em-florianoplois/>> Acessado em julho de 2017.

INDICADORES. Disponível em: <<https://portal.ufsm.br/indicadores/index;jsessionid=179a366eef7223b6dc648c8f0521>> Acesso em maio de 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5ª edi. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2001.

MACHADO, Juciára Teixeira. **Em busca de um mesmo “CEU”.** Estudo Antropológico sobre (ex) moradores da Casa do Estudante de Santa Maria. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. 2012.

MACHADO, Juciára Teixeira. **Patrimônio Universitário: Tempo-espaço como fomentador de memórias e identidades na CEU-UFSM/RS.** In: 35º Encontro anual da Anpocs – GT19 Memória social, museus e patrimônios: novas construções de sentidos e experiências de transdisciplinariedade. 2011.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital.** Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAXTEMPER. Foto do condomínio da casa de estudante universitário da UFMG. Disponível em: <<http://www.maxtemper.com.br/portifolio>> Acesso em, 15 de junho de 2017.

MONICA KANECO FLICKR. Foto da casa do estudante universitário da ilha do fundão. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2016-02-02/alunos-da-ufrj-relatam-assaltos-furtos-e-tentativa-de-estupro-no-fundao.html>> Acessado em junho de 2017.

NAWATE, Priscilla Sayuri. **Moradia do estudante universitário.** 2014. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

NOGUEIRA, Ana Paula. **Patrimônio Arquitetônico Moderno em Santa Maria: As casas do Arquiteto Luiz Arthur Valandro – Um resgate analítico.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Arquitetura e Patrimônio Material da Universidade Federal de Santa Maria. 2011.

O TEMPO. Foto referente a um dos condomínios universitários da UFMG. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cidades/ufmg-prepara-constru%C3%A7%C3%A3o-de-nova-moradia-estudantil-1.969758>> Acesso em, 16 de junho de 2017.

PADOIN, Maria Medianeira. **Uma experiência acadêmica de pesquisa: a história dos 150 anos do município de Santa Maria mostrada por meio de uma exposição.** Revista Digital Estudios Historicos, n. 1, p. 3, 2009.

PRAE. Foto da casa do estudante CEU II. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/prae/index.php/pagina-inicial1/noticias/94-edital-do-bse-para-o-2-semester-de-2015>> Acessado em junho de 2017.

PRAE 2016. Dados referentes ao benefício sócio econômico. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/prae/>> Acessado em 2016.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral.** Lisboa Editorial Presença, v. I, 1971

SEBRAE RS. Perfil das cidades gaúchas. Disponível em: <http://ambientedigital.sebrae-rs.com.br/Download/PerfilCidades.html>> Acessado em junho de 2016.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo, democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SIMMEL, Georg. 1958-1918. **Excursão sobre o problema: Como é possível a sociedade?** George Simmel; Sociologia & Antropologia / 653 – 672. Tradução de Lenin Bicudo Bárbara. Rio de Janeiro, 2013.

SIMMEL, Georg. 1958-1918. George Simmel: **sociologia** / organizador da coletânea: Evaristo de Moraes Filho; Tradução de Carlos Alberto Pavanelli ... et al. – São Paulo: Ática, 1983.

UFRJ. Reportagem sobre incêndio. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,incendio-em-alojamento-da-ufrj-deixa-estudantes-feridos,70001921075>> Acessado em junho de 2017.

VILARINHO, Tatiane Ferreira. **Padrões de comunicação científica nas Ciências sociais: A interdisciplinaridade entre economia, ciência política, sociologia antropologia /** - 2015. 222 f.: i 1.; 30 cm. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2015.

VILLAS, Sara. **Formas de sociabilidade entre alunos de uma escola de ensino médio/técnico**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

VC NO G1. Iluminação no entorno dos campi da Unicamp em Limeira está sendo substituída (Foto: VC no G1). Disponível em:<<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-região/noticia/2014/02/republica-de-estudantes-da-unicamp-e-furtada-em-limeira-relata-guarda.html>>. Acessado em junho de 2017.

WIKIMEDIA COMMONS. Foto da casa do estudante da USP. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Conjunto_residencial_da_Cidade_Universit%C3%A1ria_-_S%C3%A3o_Paulo_-_Brasil.JPG> Acessado em julho de 2017.

